

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MODELO PADRÃO DE
INDUSTRIALIZAÇÃO POR SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES DAS DÉCADAS
DE 60 E 70 E A POLÍTICA ECONÔMICA ATUAL DO EQUADOR QUE PROPÕE
UMA MUDANÇA DA MATRIZ PRODUTIVA**

Kimberly Jiménez

No. de matrícula: 1411251

Orientadora: Eliane Gottlieb

Rio de Janeiro

Dezembro 2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MODELO PADRÃO DE
INDUSTRIALIZAÇÃO POR SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES DAS DÉCADAS
DE 60 E 70 E A POLÍTICA ECONÔMICA ATUAL DO EQUADOR QUE PROPÕE
UMA MUDANÇA DA MATRIZ PRODUTIVA**

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

Kimberly Pamela Jiménez Jimbo

Rio de Janeiro

Dezembro 2015

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor

AGRADECIMENTO

A Deus, por ter me dado esta oportunidade tão grande.

Minha eterna gratidão a minha orientadora, Professora Eliane Gottlieb, por sua direção e paciência.

Aos meus pais e irmão, pelo amor, apoio e motivação incondicional, nada teria sido possível sem eles.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 O MODELO DE INDUSTRIALIZAÇÃO POR SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES NO EQUADOR NA DÉCADA DE 1960 – 1980.....	9
1.1 Período 1950 – 1960.....	9
1.2 Período 1960 – 1970.....	13
1.3 Período 1970 – 1980.....	17
2 ATUAL POLÍTICA ECONÔMICA DA MUDANÇA DA MATRIZ PRODUTIVA NO EQUADOR.....	21
2.1 Contexto do Equador.....	21
2.2 Política da mudança da matriz produtiva.....	22
2.3 Marco Legal.....	24
2.4 Eixos da política da mudança da matriz produtiva.....	26
2.5 Políticas Transversais.....	29
2.6 Equador na atualidade.....	31
3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MODELO ISI E A POLÍTICA DE MUDANÇA DA MATRIZ PRODUTIVA.....	36
3.1 Balança Comercial.....	36
3.2 Implementação dos modelos.....	38
3.3 Características dos modelos.....	40
3.3.1 Substituição seletiva de importações.....	40
3.3.2 Industrialização.....	44
3.3.3 Investimento em educação, conhecimento e tecnologia.....	46
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
ANEXOS.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	11
Tabela 2	12
Tabela 3	13
Tabela 4	15
Tabela 5	16
Tabela 6	18
Tabela 7	19
Tabela 8	21
Tabela 9	33
Tabela 10	37
Tabela 11	40
Tabela 12	45
Tabela 13	45
Tabela 14	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	22
Gráfico 2	28
Gráfico 3	30
Gráfico 4	30
Gráfico 5	32
Gráfico 6	33
Gráfico 7	34
Gráfico 8	43

INTRODUÇÃO

O Equador, país primário agroexportador desde a sua constituição, tenta alcançar um crescimento e desenvolvimento econômico sustentáveis. Principalmente, nas décadas de 60 e 70, o Modelo de Industrialização por Substituição de Importações (Modelo ISI) foi adotado com a finalidade de alcançar este objetivo, porém não foi possível a industrialização do país e consequentemente não conseguiu atingir um crescimento e desenvolvimento econômico sustentáveis.

Até a atualidade, sua economia sustenta-se numa matriz produtiva baseada nas exportações de matérias-primas, principalmente agrícolas e petroleiras e com uma indústria que se caracteriza pela pouca implementação de tecnologia e conhecimento.

De acordo com esta situação, em 2007, ano em que o economista Rafael Correa tomou posse como Presidente da República do Equador, procurou-se uma nova reestruturação da economia mediante a mudança da matriz produtiva segundo o enfoque do Bom Viver como passo fundamental para gerar o crescimento e o desenvolvimento econômico.

A mudança da matriz produtiva está focada na diversificação produtiva, acrescentamento de valor agregado aos produtos já existentes, na substituição seletiva de importações e na melhoria da gama de produtos que são exportados (SENPLADES, 2012). Estes quatro eixos, como são denominados pela SENPLADES são as diretrizes em que se sustenta a mudança da matriz produtiva.

O presente trabalho será dividido em três capítulos: o primeiro capítulo apresenta uma visão sobre o contexto nacional na década de 60 e 70, bem como os fatores que impulsionaram a implementação do modelo ISI no Equador naquela época, suas características e como se desenvolveu no país.

No segundo capítulo, será apresentada a política da mudança da matriz produtiva estabelecida como objetivo nacional no PNBV 2013 – 2017, suas características e sua evolução desde 2007 até a presente data, para o qual é necessário explicar a conjuntura nacional.

Finalmente, no terceiro capítulo, será realizada uma comparação entre o Modelo de ISI e a atual mudança da matriz produtiva com o objetivo de estabelecer semelhanças e diferenças, a fim de avaliar o a possível consolidação do modelo atual.

Em conclusão, no presente trabalho se estabelecerão as semelhanças e diferenças entre os dois modelos, as quais permitirão determinar a possível consolidação do modelo que propõe a mudança da matriz produtiva no Equador.

1 O MODELO DE INDUSTRIALIZAÇÃO POR SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES NO EQUADOR NA DÉCADA DE 1960 – 1980.

1.1 PERÍODO 1950 – 1960

No contexto internacional, o mundo inteiro tinha encerrado um período que se destacou pela II Guerra Mundial. Após a guerra, foi estabelecido o Plano Marshall com o objetivo de reconstrução da Europa e verificou-se um período de crescimento da economia mundial e de consolidação da hegemonia dos EUA. “A produção industrial mundial alcançou níveis sem precedentes: 5.6% de crescimento médio anual entre 1948 e 1971” (CABRERA, 2014, p. 70 - 71). Na América Latina, a teoria da CEPAL prometia o crescimento e desenvolvimento econômico através do Modelo de Industrialização por Substituição de Importações (ISI). A implementação deste no final da década de 50 no Equador não foi uma exceção. Dentro do contexto nacional, o Equador conseguia “superar a longa crise provocada pela queda da atividade cacaueteira [que tinha começado na década de 20] e conseguiu ser integrado aos mercados internacionais. Fortaleceu-se, assim, uma economia capitalista dependente [...]” (MARTÍN-MAYORAL, 2009, p. 121). Assim, o desenvolvimento capitalista começou no Equador, sob a presidência de José María Velasco Ibarra.

Em 1954, um estudo realizado pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), intitulado “O Desenvolvimento Econômico do Equador”, afirma que

A partir de 1948, a economia equatoriana experimenta uma notável reabilitação como consequência da dinâmica gerada pelo auge da banana contribuindo para o desenvolvimento capitalista no Equador, embora aprofundando as diferenças regionais, isto provocou importantes modificações na economia nacional ao afirmar-se o modelo agroexportador, alguns de excedentes foram transferidos para a instalação de fábricas produtoras de bens industriais de consumo imediato. (CEPAL, 1954, p. 20)

Segundo o estudo elaborado pela CEPAL, o auge da banana, a partir de 1948, contribuiu para o restabelecimento da economia equatoriana, permitindo a inserção do capitalismo, e assim ratificando a predominância do modelo agroexportador, sendo parte de seus excedentes direcionados para o setor industrial. De acordo com Larrea (1989), a praga conhecida como o Mal do Panamá, que atingiu os cultivos de banana na América Central, foi uma grande oportunidade para que o Equador entrasse neste mercado internacional. Entretanto, as vantagens que o país possuía frente a seus competidores foram de vital importância. “O impacto que produziu este documento [O desenvolvimento econômico do

Equador] abriu o caminho para a organização de uma entidade planejadora no Equador.” (JUNAPLA, 1979, p. 26), sendo criada a Junta Nacional de Planejamento e Coordenação Econômica (JUNAPLA), de tal maneira que a JUNAPLA se estabeleceu como o órgão diretor do planejamento para o desenvolvimento no país.

Para Alberto Acosta¹,

O impacto da banana na economia nacional foi muito mais profundo em termos nacionais que o gerado pelo cacau décadas antes: ampliou a fronteira agrícola para novas zonas do litoral, expandiu notoriamente a rede de rodovias e produziu um maior processo de migração da serra para o litoral, com um desenvolvimento acelerado das cidades e uma robustez do mercado interno, com base na expansão das relações salariais, o aumento da obra pública e a própria diversificação da economia [...] (ACOSTA, 2001, p. 100)

Desta maneira, o auge da banana teve um grande impacto na economia equatoriana, pois dele surgiram uma série de consequências favoráveis. A expansão da agricultura para a zona litoral permitiu o desenvolvimento da infraestrutura, que dizer, houve um aumento nos gastos do Estado, “[...] o investimento público passou de 25 por cento em 1950 para 37 por cento em 1959, sendo investido fundamentalmente na infraestrutura de transportes (rodovias e portos) [...]” (FERNÁNDEZ, 1979, p. 100), bem como o crescimento das cidades em que se desenvolvia a atividade bananeira, contribuindo para o fortalecimento do mercado interno.

O crescimento econômico que se produziu na década de 1950 foi respaldado fortemente pela “modificação substancial na condução da política econômica: o Estado fomentou a produção exportável e integrou o mercado doméstico através da construção de obras de infraestrutura [...]” (CARVAJAL, 2011, p. 122). Desse modo, observa-se que o papel do Estado foi fundamental no crescimento do país. “A política fiscal esteve deliberadamente voltada para promover a expansão e diversificação produtivas” (CARVAJAL, 2011, p. 127). Nos governos de Plaza Lasso, Velasco Ibarra e Ponce Enriquez, correspondentes a este período, reafirmou-se o papel do Estado, como fator primordial neste processo.

Os dados apresentados pela JUNAPLA corroboram a condição primária agroexportadora do Equador, naquela época. Em 1950, as exportações bananeiras representavam o 11.5% do total de exportações e exibiam uma tendência crescente, em 1960, sua participação era de 44.1%. Em geral, as exportações agropecuárias constituíam 82.5%, em 1950, e 93.6% do total de exportações em 1960, sendo os principais produtos a banana, o

¹ Professor da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO), Ex-presidente da Assembleia Nacional Constituinte do Equador Ex-ministro de energia e minas.

café, o cacau e o arroz (JUNAPLA, 1978). Isto demonstra que o Equador possuía uma oferta exportadora muito pouco diversificada. A sua balança comercial se constituía basicamente de matérias primas. Além disso, corrobora sua forte dependência do setor externo e, portanto, um alto grau de sensibilidade às flutuações do mercado internacional, o que gera a necessidade de buscar uma forma sustentável através da qual se alcançasse a industrialização, o crescimento e o desenvolvimento econômico,.

A Tabela 1 apresenta as taxas de crescimento medias de importações, exportações e PIB. Na primeira metade da década de 50, as exportações cresceram 10.6% e as importações 11.2%, sendo o crescimento das exportações menor do que o apresentado pelas importações. Entretanto, a taxa de crescimento do PIB, para este período, foi de 6.1%. Para a segunda metade da mesma década, as exportações ultrapassaram as importações. No entanto, cresceram a um ritmo muito baixo em relação aos cinco anos anteriores. Da mesma forma, houve uma diminuição na taxa de crescimento do PIB. Entre “[...] 1950 – 1956, observa-se um forte crescimento causado pela melhoria dos preços da banana e do café, porém a partir de 1956, diminuíram até chegar a seu nível mínimo em 1960” (JUNAPLA, 1978, p. 19). Assim, a economia equatoriana se manteve estável devido aos altos preços dos produtos de exportação. O contrário ocorre quando estes começaram a diminuir a partir de 1956, gerando instabilidade no país.

Tabela 1

Taxas de Crescimento Médias das Exportações, Importações e PIB (1950 - 1970)

Ano	Exportações	Importações	PIB
1951 – 55	10,6%	11,2%	6,1%
1956 – 60	3,7%	3,0%	4,8%
1961 – 65	4,5%	4,1%	4,8%
1966 – 70	4,6%	14,0%	6,7%
1950 – 70	3,9%	7,7%	5,1%

Taxas calculadas com base em períodos constantes de 1964

Fonte: Junta Nacional de Planejamento (JUNAPLA, 1978)
(JUNAPLA, 1978, p. 96)

Os dados obtidos pela JUNAPLA confirmam o caráter primário agroexportador do Equador. Da mesma forma, no estudo O Desenvolvimento Econômico do Equador se determinam os principais obstáculos que impedem o crescimento e desenvolvimento econômico;

[...] alta proporção da população dedicava-se à agricultura e outras áreas da produção primária; o uso de métodos primitivos ou rudimentares, e com a consequente baixa de produtividade e a taxa elevada de crescimento demográfico. Além destas características gerais acrescentam-se outras derivadas das primeiras, como a escassa formação de capital, o estancamento ou lento aumento do consumo por habitante e o elevado número de pessoas empregadas em tarefas de baixíssima remuneração. (CEPAL, 1954, p. 83)

As grandes exportações de produtos primários justificam o alto número de pessoas dedicadas à agricultura e, por conseguinte, uma pequena parte da população empregada na produção de manufaturas. Portanto, existia muito pouca formação de capital, refletido nas altas taxas de importações. Na Tabela 2, se observa que do total da população economicamente ativa, em 1950, 64.40% se dedicava à agricultura, silvicultura, caça e pesca e 10.10% à produção manufatureira. Já para 1960, existe uma diminuição da população dedicada ao setor agropecuário, representando 57.80% e um aumento na população dedicada à indústria manufatureira, sendo 15.60%. Apesar de existir uma pequena diminuição da porcentagem de população dedicada às atividades agrícolas não foram geradas mudanças notórias no padrão de produção. Assim, respalda-se a condição agroexportadora do Equador, pois a mão de obra concentrava-se na produção agrícola.

Tabela 2

Participação da População Economicamente Ativa por Atividade Econômica

Atividade	1950	1960	1970
Agricultura, silvicultura, caça e pesca.	64,40%	57,80%	51%
Exploração de Minas e morros	0,40%	0,30%	0,40%
Indústrias Manufatureiras	10,10%	13,90%	15,60%
Construção	3,60%	3,40%	4,30%
Eletricidade, gás, água e serviços sanitários.	0,10%	0,30%	0,50%
Comércio	6,60%	6,80%	8,70%
Transporte, armazenagem e comunicações.	2,60%	3%	3,20%
Serviços	12,10%	14,60%	16,30%

Fonte: Elaborado em base a dados extraídos do Anuário Estatístico da América Latina 1983. (CEPAL, 1984, p. 77-79)

Para Rafael Correa (2009, p.34), “a produção e exportação bananeira geraram um excedente econômico que permitiu ao país iniciar um incipiente processo de industrialização por substituição de importações (ISI)”.

Em 1957, foi expedida a Lei de Fomento Industrial, para ser “o instrumento básico que regulasse o desenvolvimento industrial do país, [...] a exoneração de impostos, de gravames aos produtos de exportação, subsídios estatais, facilidades creditícias, etc.”

(FERNÁNDEZ, 1979, p. 101). Em um ambiente gerado pelo auge da banana e o papel primordial do Estado, surgiram os primeiros indícios do Modelo de ISI no Equador, conjuntamente com uma política econômica e um pequeno marco legal que o respaldava.

No final da década de 50, “As exportações de produtos tropicais diminuíram subitamente. [...] O déficit do balanço de pagamentos aumentou constantemente, a moeda nacional desvalorizou-se e o nível de preços, que havia permanecido relativamente estável em décadas anteriores, aumentou rápida e significativamente” (AYALA MORA, 1991, p. 706). Devido à forte dependência do Equador em relação ao setor externo, a diminuição dos preços dos principais produtos de exportação conduziu à instabilidade do país, produzindo déficit na balança de pagamentos e desvalorizações da moeda.

1.2 PERÍODO 1960 – 1970

A década de 1960 começou com o mandato do presidente José María Velasco Ibarra. Este período se caracterizou por uma alta instabilidade política. Entre 1960 e 1972, existiram seis presidências. Nos anos iniciais de 1960, “[...] indústrias de maior tamanho e com tecnologia mais avançada começaram a operar, houve uma transferência significativa de capital para o setor industrial” (AYALA MORA, 1991, p. 707). O aumento do tamanho das fábricas e a incorporação de tecnologia permitiu iniciar o processo de industrialização no Equador.

Na tabela abaixo, encontra-se o coeficiente de industrialização para vários países latino-americanos. O coeficiente do Equador era 16.7 % em 1960 e, em 1980, passou a ser 21%, refletindo o aumento da participação do PIB industrial dentro do PIB total neste período. O Brasil apresentou a mesma tendência assim como, em conjunto, a América Latina. Isto refletiu claramente a influência do pensamento cepalino da industrialização por substituição de importações sobre as políticas econômicas implementadas no período. Observa-se, para países como os EUA, Japão e Alemanha Ocidental uma tendência oposta; os coeficientes de industrialização destes três países diminuíram entre 1960 e 1980. A diminuição do coeficiente de industrialização destes três países na década de 70 está em grande parte associada aos dois choques de petróleo, que tiveram maior incidência nos países industrializados.

Tabela 3

Coeficientes de industrialização; PIB industrial/PIB. Países latino-americanos e capitalistas desenvolvidos

	1960	1970	1980
América Latina	20,3	24,2	24,4
Equador	16,7	17,8	21
Brasil	25,7	28,3	30,4
Costa Rica	11,1	15,1	18
México	18,4	23	24,1
Alemanha Ocidental	42,1	42,7	36,4
Estados Unidos	28,4	25,2	24,1
Japão	32,6	36,4	30,2

Fonte: (1) CEPAL, Divisão de Estatística. Contas Nacionais. (2) ONU, Yearbook of National Account Statistics. 1973 - 1981 referências de Pedro Vuskovik. Economia da América Latina, segundo semestre 1984, pg. 13. (CEPAL apud BENALCÁZAR, 1990, p. 42)

O Plano Geral de Desenvolvimento Econômico e Social de 1964, desenvolvido pela JUNAPLA, respaldou o início do Modelo de ISI, direcionando a política para

[...] substituir uma grande porcentagem das importações de bens de consumo e de alguns bens intermediários mediante a instalação de indústrias que permitam, por um lado, economizar as divisas estrangeiras para utilizá-las na compra do equipamento de capital necessário para levar adiante os diferentes programas incluídos no Plano Geral, bem como a utilização da mão de obra disponível, que atualmente se encontra desocupada ou subocupada em atividades de baixa produtividade. (JUNAPLA, 1964, p. 21)

Assim, pretendeu-se diminuir o grau de importações de bens de consumo e intermediários, a fim de utilizar os recursos economizados e conjuntamente com a mão de obra disponível, adquirir os bens de capital necessários para a industrialização. Para Hirschman (1968, p.494), “[...] a ISI começa de maneira predominante com a manufatura de bens terminados de consumo que anteriormente se importavam, e depois segue com maior ou menor rapidez e com êxito, às "etapas superiores" da fabricação [...]”. No período de 1961 – 1965, as importações cresceram a uma taxa de 4.1% e as exportações a 4.5% (Tabela No 1). As importações de “[...] matéria prima e produtos intermediários para a indústria, [...] [representaram] 39.9 por cento do total, [...] [e os] bens de capital para a indústria 15.5 por cento em média anual [...]” (JUNAPLA, 1978, p. 116). Os dados demonstraram que, na primeira metade da década de 60, as importações estavam focadas na consolidação do processo de industrialização do país. No período de 1966 – 1970, as importações cresceram a uma taxa de 14% e as exportações só a uma taxa de 4.6%, gerando desequilíbrios na balança comercial. As importações de bens de matérias primas e produtos intermediários para a indústria representam 34.4% do total e as importações de bens de capital para a indústria

foram de 18.3%. Nota-se um claro aumento das importações de bens de capital neste período em relação ao período 1961 – 1965. Isto ocorre por causa do início da exploração do petróleo no Equador, em 1968. (JUNAPLA, 1978). É importante destacar que, “as importações equatorianas estão direcionadas basicamente para a introdução de matérias primas e bens de capital necessários para sua industrialização, embora, sem uma medida seletiva das mesmas, e com margens substitutivas incipientes” (JUNAPLA, 1978, p. 97). Apesar de que os bens necessários para a industrialização eram importados, estas importações não foram estabelecidas de uma maneira adequada, já que não se aplicava uma correta seleção delas.

A partir de 1965, observou-se um déficit na balança comercial do setor industrial devido ao crescimento das importações em relação às exportações. A Tabela 4 indica que somente em 1985 se consegue restabelecer o equilíbrio da balança comercial.

Tabela 4

Balanço do Comércio Exterior do Setor Industrial 1965 – 1985
Em milhões de sucres de 1975

	Importações de Bens e Serviços	%	Exportações de Bens e Serviços	%	Balancete -M+X
1965	10696	100	2706	-100	-7990
1970	14663	137,1	2924	-108,1	-11739
1975	31190	291,6	21005	-776,3	-10185
1980	38389	358,9	23776	-878,8	-14613
1985	30796	287,9	31892	1178,7	1096

Fonte: Banco Central, Contas Nacionais, Matriz Insumo - Produto (Banco Central do Equador apud BENALCÁZAR, 1990, p. 46)

Na década de 60, a política fiscal esteve voltada a estimular “[...] as empresas industriais através de: diminuição de impostos, subsídios diretos e um tratamento especial que, [...], exime de impostos aduaneiros à importação de bens de capital [...]” (LEFEBER, 1985, p. 20). Assim, as políticas tarifária e tributária foram utilizadas como instrumentos de incentivo para o desenvolvimento industrial, conjuntamente com o aumento de mão de obra qualificada e o financiamento industrial. Estas eram as estratégias estabelecidas no Plano Geral de Desenvolvimento para a implementação do Modelo de ISI (JUNAPLA, 1964). No que se refere à política cambial,

Com o propósito de melhorar a competitividade da economia, o Estado realizou duas desvalorizações: em 1961 de 15 a 18 sucres, e em 1969 até 25 sucres o dólar. A política cambial se converteu no eixo do conflito entre setores empresariais: os industriais pressionaram para manter a estabilidade cambial, no tanto os exportadores buscavam a desvalorização (MIÑO apud CARVAJAL, 2011, p. 128)

As desvalorizações da moeda foram utilizadas neste período com a finalidade de aumentar as exportações. Isto é característico de economias pouco eficientes, com produtos não suficientemente competitivos cuja compra é garantida pela desvalorização da moeda, por se tornarem mais baratos.

Em 1963, se estabeleceu a Junta Militar de Governo, que expediu a Lei de Reforma Agrária, através da qual “[...] se impulsionou a eliminação das relações pré-capitalistas e precaristas da produção, [...]” (ACOSTA, 1982, p. 34), eliminando principalmente o huasipungo na Serra. Para Alberto Acosta,

O desaparecimento do huasipungo (1964) não obedecia a um real processo de redistribuição produtiva que buscasse ampliar e dinamizar o mercado interno, mas sim à pressão decorrente do próprio processo de reordenamento do capital fazendário que queria se concentrar em atividades mais lucrativas [...] (ACOSTA, 2001, p. 114).

Desta forma, não se procurava nem a redistribuição produtiva nem a ampliação e a dinamização do mercado interno, apenas se buscava satisfazer os interesses de certos grupos de poder consolidados no Equador. Para Rosenstein-Rodan,

[...] Se vários setores da economia adotassem tecnologias de rendimentos crescentes simultaneamente, cada um geraria uma renda que poderia se tornar em demanda de bens de outros setores, e assim conseguir aumentar o tamanho dos seus mercados e permitir à industrialização ser a possível.” (MURPHY, SHLEIFER e VISHNY, 1989, p. 1004)

Por conseguinte, a industrialização seria possível se aumentasse a demanda de bens proveniente da renda gerada por diversos setores da economia que incorporavam tecnologia com rendimentos crescentes. O fortalecimento da demanda interna era essencial para o processo de industrialização.

A tabela a seguir apresenta as taxas anuais de crescimento do PIB Industrial. No período de 1961 a 1964, o PIB Industrial cresceu a uma taxa média anual de 10.1%, sendo a maior taxa de crescimento no período de 1950 a 1985. Isto foi consequência dos esforços realizados para implementar o processo ISI no país. Já entre 1966 a 1970, a taxa anual média de crescimento do PIB Industrial caiu para 6.9%, devido à “eliminação de certos benefícios nas leis de Fomento Econômico, [que] diminuiram os investimentos no setor industrial [...]” (JUNAPLA, 1970, p. 1).

Tabela 5

Taxas Anuais de Crescimento do PIB e do PIB Industrial a Preços Constantes 1950 – 1985

Quinquênios	PIB Total	PIB Industrial
1950 – 55	6,3%	5,5%
1956 – 60	4,4%	6,1%
1961 – 65	4,9%	10,1%
1966 – 70	4,8%	6,9%
1971 – 75	10,2%	9,8%
1976 – 80	6,9%	9,3%
1981 – 85	2%	1%

Fonte: Contas Nacionais. Banco Central do Equador (Banco Central do Equador apud BENALCÁZAR, 1990, p. 41)

Em 1969, o Equador juntamente com o Peru, Chile, Bolívia e Colômbia assinaram o Acordo de Cartagena, [...]. Os efeitos dinâmicos gerados pelo processo de integração sub-regional andina, [...] tornaram possível um aumento da produção de bens de origem industrial [...] (AYALA MORA, 1983, p. 63). O país, desta maneira, buscava situações favoráveis ao processo de industrialização.

Para Alberto Acosta, o Modelo de ISI não alcançou sua consolidação devido à

[...] incapacidade das elites para criar as condições propícias para sua cristalização. O mercado interno não se transformou dinamicamente, não se deu uma redistribuição produtiva, não se garantiu o fluxo adequado de capitais para a readequação do aparelho produtivo, superando sua heterogeneidade estrutural, não houve uma real concentração de esforços privados e estatais para criar a infraestrutura necessária e tampouco se esboçou – muito menos aplicou - uma verdadeira política tarifária que tivesse protegido ativamente à nova indústria até que esta alcançasse níveis prudentes de competitividade internacional. (ACOSTA, 2001, p. 115 - 116)

Portanto, para Acosta, os resultados esperados do Modelo de ISI não foram atingidos, pois não se alcançou a reestruturação do sistema produtivo; existiu falta de dinamização do mercado interno e de políticas reais que favorecessem a indústria. Aliás, careceu de um apoio efetivo tanto público como privado.

1.3 PERÍODO 1970 – 1980

Um acontecimento de vital importância para o Equador ocorreu na década de 70: as exportações de petróleo, que geraram uma mudança econômica e social no país, começando em 1972, no governo do General Guillermo Rodríguez Lara.

Alberto Acosta afirma que

Nos anos setenta, como poucas vezes em sua história, o Equador entrou em cheio no mercado mundial. Não porque houvesse ocorrido uma mudança

qualitativa em sua condição de país exportador de matérias primas - banana, cacau, café, etc.-, mas sim pelo crescente montante de fluxos produzidos pelas exportações petroleiras. A exploração de petróleo foi o elemento que revitalizou a economia. (ACOSTA, 2001, p. 120)

Assim, na década de 70, o Equador continuou mantendo uma base produtiva primária agroexportadora. A chegada das exportações petroleiras foi uma das poucas vezes em que o Equador se encontrou em total inserção no mercado mundial.

A Tabela 6 apresenta a participação dos principais produtos de exportação da economia equatoriana dentro do valor total de exportações para o período de 1973 a 1977. A banana, o café e o cacau registram uma tendência decrescente nestes cinco anos. Em contrapartida, as exportações petroleiras em 1973 representam 47.8% do total de exportações e, em 1975, ultrapassam a metade das exportações, atingindo 63.8%. Em 1977 a participação das exportações do petróleo no total exportado diminui, mas ainda permanece significativamente elevada.

Tabela 6

Participação Porcentual da Banana, Café, Cacau e Petróleo nas Exportações de Bens e Serviços.

PRODUTOS	1973	1975	1977
Banana	22,3	12	13
Café	11	4,9	5,7
Cacau	4,3	6,3	6,8
Subtotal:	37,6	23,2	25,5
Petróleo	47,8	63,8	56
Outros produtos	14,6	13	18,5
TOTAL	100	100	100

Fonte: Plano Integral de Transformação e Desenvolvimento (Dados corrigidos) 1973: Anuários de Comércio Exterior (JUNAPLA, 1978, p. 64)

Na década de 70, segundo dados da JUNAPLA, o petróleo se converteu na principal fonte de divisas para o Equador. Em 1972, se cria a Corporação Estatal Petroleira Equatoriana CEPE que, posteriormente, converteu-se em PETROEQUADOR EP, o órgão encarregado das atividades relacionadas com a exploração petroleira. Em 1973, o Equador passa a fazer parte da Organização de Países Exportadores de Petróleo OPEP. Na Tabela 5, os dados indicam que o PIB industrial, no período de 1971 a 1975, cresceu a uma taxa média anual de 9.8% e entre 1976 e 1980, essa taxa foi 9.3%. Neste período, a indústria equatoriana cresceu significativamente devido à exploração petroleira.

Apesar do Modelo de ISI ter por objetivo a diminuição das importações, Rafael Correa² assegura que

[...] a deterioração da balança comercial industrial não se deveu à falta de dinamismo das exportações do setor, mas a um acelerado crescimento das importações industriais que passaram de 181 a 1.318 milhões em um período de suposta substituição de importações. (CORREA, 2009, p. 38)

As importações industriais cresceram a um ritmo superior às exportações industriais, de tal forma que geraram um desequilíbrio na balança comercial industrial. Da mesma forma, Acosta afirma que,

[...] graças às crescentes entradas provenientes das exportações de hidrocarbonetos, se aumentou também substancialmente a capacidade de importar do país. [...] simplesmente se alterou a dependência do país para abastecer de divisas de um produto primário a outro, mantendo-se a situação subordinada de país com respeito aos mercados das economias centrais. (ACOSTA, 1982, p. 46)

Desta maneira, para Acosta, o aumento das exportações se deu pela mudança do produto primário a ser exportado e não por uma alteração em sua base produtiva. Ao crescer rapidamente, em paralelo às exportações ocorreu um aumento vertiginoso das importações. Rafael Correa, da mesma forma, manifesta que

Apesar das exportações petroleiras, as exportações totais passaram de 199 a 2.541 milhões de dólares no período 1971-198, as importações totais durante o mesmo período aumentou de 340 a 2.246 milhões. Por tudo isso, o coeficiente importações/PIB, cujo decréscimo é o principal indicador de um processo de substituição de importações, [...] voltou a crescer e se manteve na média de valores entorno de 17% durante o resto do período [...] (CORREA, 2009, p. 38).

Para Correa, o processo de substituição de importações determina-se pela diminuição do coeficiente importações/PIB. Entretanto, no Equador este coeficiente aumentou na década de 70.

Na Tabela 7, observamos que o coeficiente de importações, no período de 1950 – 1980, exibe uma tendência crescente. Na década de 70, o coeficiente de importações cresce de maneira vertiginosa, superando o coeficiente de exportações no mesmo período.

Tabela 7

Coeficientes de Exportação e Importação 1950 – 1980
Em dólares a preços constantes de 1970

² Atual presidente do Equador.

	1950	1955	1960	1965	1970	1975	1980
EXPORTAÇÃO	8,4	9,3	10,1	11,5	10,4	11,1	10
IMPORTAÇÃO	8,1	11,8	10,4	10,2	14,4	19,8	22,2

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do Anuário Estatístico da América Latina 1983. (CEPAL, 1984, p. 123 e 125)

No Anexo A, se encontram as importações equatorianas de 1970 – 1980 em milhões de dólares em valores CIF. As importações totais neste período apresentam uma tendência crescente. As importações de bens de consumo, matérias primas para a indústria e bens de capital para a indústria são as que demonstram um maior aumento anual. Assim, o aumento das importações não somente se deu pela necessidade de importações para a indústria, mas pelo aumento de importações de bens de consumo.

Desta maneira, observa-se que o Modelo de ISI não alcançou sua consolidação. A balança comercial equatoriana continua sendo constituída por bens primários, com o petróleo como o principal deles. Os dados demonstram que a substituição de importações não foi atingida, pois existiu um alto crescimento destas em um período no qual se esperava uma diminuição.

Desta maneira,

[...] na administração do engenheiro León Febres-Cordero se dá a partida de defunção definitiva ao processo industrializador ao [...], inaugurar-se uma tibia liberação e abertura da economia, e derrogar-se as leis de fomento e grande parte do marco institucional construído para implementar o modelo ISI. (CORREA, 2009, p. 49 - 50)

O Modelo de ISI não alcançou sua consolidação, o Equador continuou com uma indústria incipiente e baseando sua economia nas exportações de bens primários. Na década de 80, teve início uma abertura da economia equatoriana e se deu fim ao marco legal e institucional que respaldava o Modelo de ISI.

2 ATUAL POLÍTICA ECONÔMICA DA MUDANÇA DA MATRIZ PRODUTIVA NO EQUADOR.

2.1 CONTEXTO DO EQUADOR

O Equador possui uma extensão de 256 370 Km² e uma população de 15.98 milhões de habitantes. O PIB em 2014 foi de USD 100.9 bilhões. (BANCO MUNDIAL, 2015).

Os dados da tabela abaixo mostram que o Equador tem um modelo de produção baseado nas exportações de matérias-primas, principalmente produtos agrícolas e petróleo e sua indústria é incipiente, caracterizada pelo pouco uso de tecnologia e conhecimento.

Tabela 8

Participação na pauta de exportações dos principais produtos de exportação

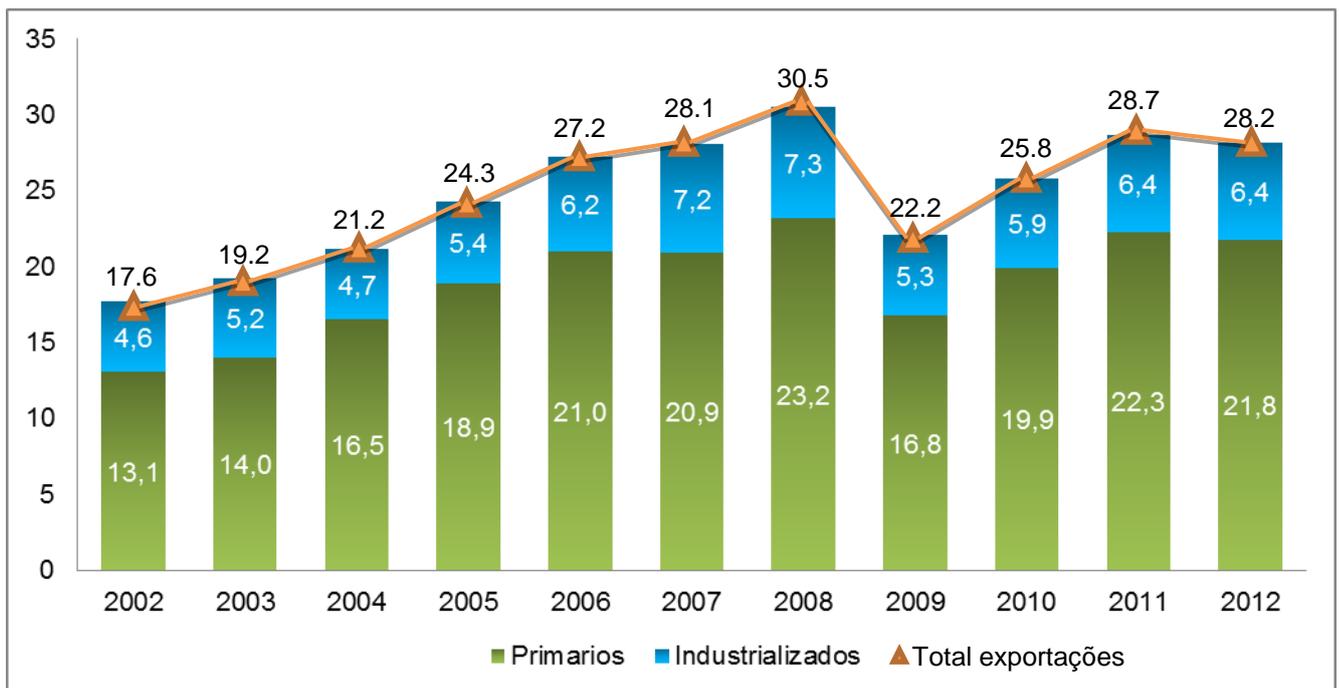
	2006		2007		2008		2009	
	Valor USD FOB	Partic. Porcentual						
Exportações Totais	12.728.148	100%	14.321.315	100%	18.818.327	100%	13.863.058	100%
Petroleiras	7.544.510	59,27%	8.328.566	58,16%	11.720.589	62,28%	6.964.638	50,24%
Petróleo Bruto	6.934.010	54,48%	7.428.356	51,87%	10.567.947	56,16%	6.284.131	45,33%
Derivados	610.500	4,80%	900.210	6,29%	1.152.642	6,13%	680.507	4,91%
Não Petroleiras	5.183.637	40,73%	5.992.750	41,84%	7.097.738	37,72%	6.898.420	49,76%
Tradicionalis	2.200.175	17,29%	2.447.094	17,09%	2.966.100	15,76%	3.436.025	24,79%
Banana	1.213.489	9,53%	1.302.549	9,10%	1.640.528	8,72%	1.995.654	14,40%
Camarão	588.160	4,62%	612.887	4,28%	712.724	3,79%	664.419	4,79%
Cacau e elaborados	171.088	1,34%	239.361	1,67%	290.259	1,54%	402.634	2,90%
Atum e peixe	128.015	1,01%	168.996	1,18%	192.451	1,02%	233.602	1,69%
Café e elaborados	99.423	0,78%	123.300	0,86%	130.137	0,69%	139.716	1,01%
Não Tradicionalis	2.983.462	23,44%	3.545.656	24,76%	4.131.638	21,96%	3.462.395	24,98%

Fonte: Elaborado em base a dados extraídos do Banco Central, 85 Años, Cap. 2.

A tabela mostra que as exportações de petróleo em 2006 representavam 59,27% do total das exportações e até 2009 ainda representam mais da metade do valor exportado. Isso demonstra que a balança comercial do Equador é sustentada principalmente por um único produto, o petróleo. A exportação de petróleo bruto registrou cerca de 55% do total das exportações entre 2006 e 2009. As exportações não petroleiras dividem-se em exportações “tradicionalis” e “não tradicionalis”. As exportações tradicionalis são constituídas em sua

maioria por matérias-primas³. No Gráfico 1, encontram-se a participação percentual das exportações de bens primários e industrializados no PIB. Observa-se claramente que as exportações são baseadas fortemente em bens primários, já que neste período as exportações de manufaturados representam menos de 8% das exportações totais.

Gráfico 1
Exportações por tipo de bens em porcentagem do PIB (2002 – 2012)



Fonte: BCE, 2013a apud Plan Nacional del Buen Vivir 2013 – 2017. Elaboração: Senplades. (SENPLADES, 2013, p. 257)

Assim, pode-se constatar que a balança comercial equatoriana compõe-se por produtos primários, com pouco ou nenhum valor agregado. "O crescimento econômico do Equador se baseia em um sistema de produção caracterizado pela extração de recursos naturais e o cultivo de produtos agrícolas para exportação." (SENPLADES, 2009, p. 329). Portanto, pode-se dizer que o padrão de especialização que o Equador tem mantido desde a sua constituição é de caráter primário agroexportador.

2.2 POLÍTICA DA MUDANÇA DA MATRIZ PRODUTIVA

³ Exportações tradicionais: Banana, cacau e elaborados, camarão, atum e peixe e café e elaborados.

Desde 2007, data em que o economista Rafael Correa tomou posse como Presidente do país, o governo tem procurado uma nova reestruturação da economia, a fim de atingir o que ele definiu como "Estado de Bom Viver" ou "Sumak Kawsay"⁴.

Para Alberto Acosta⁵, "O Bom Viver é entendido como uma vida em harmonia dos seres humanos com eles mesmos, com seus semelhantes e com a natureza." (Acosta, 2010, 100 p.) No Plano Nacional para o Bom Viver 2013 – 2017 (PNBV 2013 – 2017) se estabelece que,

[...] as propostas de métodos alternativos de avaliação econômica, social e ambiental, têm sido formuladas desde os anos oitenta. Estes esforços constituem a base para um trabalho futuro que deve mudar radicalmente a forma como o desenvolvimento e os instrumentos utilizados para sua avaliação são concebidos. (SENPLADES, 2013, p. 28)

O governo do Equador pretende alcançar o desenvolvimento e crescimento sob a abordagem do Bom Viver, com uma estratégia que "[...] prevê mudanças simultâneas e progressivas na dinâmica produtiva para dar lugar a uma economia diversificada e inclusiva, baseada no conhecimento e na inovação social e tecnológica [...]" (SENPLADES, 2013, p. 63) Assim, a transformação produtiva se estabelece como um dos objetivos nacionais.

Entre os doze objetivos nacionais determinados pelo governo atual no PNBV 2013 - 2017 se encontra a mudança da matriz produtiva, através da qual se busca atingir crescimento econômico e desenvolvimento.

Para Fander Falconi⁶,

A mudança da matriz produtiva busca incorporar valor agregado da sociedade [...]. O aumento de valor agregado na economia facilita a expansão do mercado doméstico, a recuperação do tecido social, o progresso tecnológico, e regula a tendência do capitalismo de concentrar os meios de produção, esta é a base para uma sociedade mais democrática. Dito de outra forma, a mudança da matriz produtiva não é um objetivo como tal, mas sim um instrumento para atingir um fim maior: uma sociedade moderna, inclusiva e aberta. (FALCONÍ, 2014)

Assim, para Falconi o aumento do valor agregado dinamizará o mercado doméstico e fomentará a inovação tecnológica, permitindo diminuir a tendência capitalista de concentração dos meios de produção. Jorge Glas, atual vice-presidente da República do Equador, afirma que a mudança da matriz produtiva seria possível através da inovação e do

⁴ Sumak Kawsay: Bom Viver em quichua.

⁵ Professor da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO), Ex-presidente da Assembleia Nacional Constituinte do Equador Ex-ministro de Energia e Minas.

⁶ Economista, ex-secretário nacional da SENPLADES.

investimento em educação e conhecimento, que constituem um ponto importante para a transformação produtiva do país (GLAS, 2014).

Alberto Acosta discorda da política atual e considera que

[...] A proposta da transformação da matriz produtiva, que segue o exemplo da Coreia (de mais de meio século atrás), aposta pelas indústrias básicas para serem o sustento e motor da economia. Existe planos para o desenvolvimento da indústria da petroquímica, tanto para a fase de refinação do petróleo quanto na fase de produção de plásticos e fertilizantes. Planeja-se a siderúrgica [...]. Planeja-se um estaleiro. Tudo isso a partir de uma matriz de acumulação baseada numa forte extração de recursos naturais. (ACOSTA, 2014, p. 294)

Assim como Acosta, Pablo Dávalos⁷ discorda da política econômica atual e argumenta que,

O governo tem apresentado um discurso para tentar mobilizar a cidadania, propondo atingir a industrialização do país e mudar as condições de produção, mas na verdade é uma estratégia que encobre uma proposta de extração de recursos naturais. Isto abrange todas as atividades de extração e comercialização de recursos naturais, quer dizer o comércio da natureza através da indústria do petróleo e da mineração [...]. (DÁVALOS, 2013)

Assim, Dávalos e Acosta argumentam que a política atual baseia-se principalmente no aumento da extração de recursos naturais especialmente do petróleo, recurso abundante no Equador. Dávalos afirma que,

[...] não existem as condições necessárias para que o Equador entre num processo real de industrialização, porque, o que significa a industrialização? Significa ter um mercado doméstico, e em nosso país isso não existe, [...]. Aliás precisa-se de políticas financeiras para a reativação produtiva e isso também não existe. Existem políticas financeiras que fomentam o consumo. (DÁVALOS, 2013)

Para Dávalos, não existe o cenário propício para uma mudança real. A falta de um mercado interno forte e de políticas financeiras que fomentem a produção refletem a condição da economia equatoriana e se tornam obstáculos para a industrialização.

2.3 MARCO LEGAL

Desde 2007, três planos de desenvolvimento deram suporte à política da mudança da matriz produtiva. Entretanto, somente com a promulgação de uma nova constituição, em 2008, foi dado o apoio jurídico constitucional necessário para esta política no Equador.

⁷ Economista e professor da Universidade Católica do Equador.

Em 2007, a Secretaria Nacional de Planejamento e Desenvolvimento (SENPLADES) elaborou o Plano Nacional de Desenvolvimento 2007 - 2010, que estabeleceu como uma das políticas o fomento da produção de bens e serviços com alto valor agregado. Este foi o ponto de partida para a consolidação da política da mudança da matriz produtiva no Equador.

Em 2008, entrou em vigor uma nova Constituição, na qual em seu artigo 280 estabelece que, "O Plano Nacional de Desenvolvimento é o instrumento ao qual serão sujeitas as políticas, programas e projetos públicos; programação e execução do orçamento do Estado; [...]" (ASAMBLEA NACIONAL, 2008, p. 137).

Em 2009, a SENPLADES publicou o Plano Nacional para o Bom Viver 2009 - 2013 (PNVB 2009 - 2013). Contendo doze objetivos nacionais, um deles é o estabelecimento de um sistema económico, solidário, social e sustentável. As políticas deste objetivo pretendem "Aplicar incentivos para o desenvolvimento de atividades geradoras de valor, especialmente aquelas dos setores de industrial e de serviços [...]" (SENPLADES, 2009, p. 335), assim como "Diversificar as formas de produção e prestação de serviços, e suas capacidades de agregar valor, para expandir a oferta interna e as exportações." (SENPLADES 2009, p. 335).

A transformação do padrão de especialização da economia equatoriana foi estabelecida como uma das estratégias deste plano através da substituição seletiva de importações. A sua intenção foi "iniciar um processo de transformação do padrão de especialização da economia, a fim de superar o modo primário-extrativista-exportador de acumulação e reverter as externalidades negativas que gera" (SENPLADES, 2009, p. 103).

No entanto, somente no plano seguinte, PNBV 2013 – 2017, a política que propõe a mudança da matriz produtiva consolidou-se como tal. Neste novo plano foram estabelecidos doze objetivos nacionais. O objetivo número dez é a transformação da matriz produtiva. Além de ser um objetivo nacional, a mudança da matriz produtiva é um dos oito pilares da Agenda para a Transformação Produtiva (ATP), publicada pelo Ministério Coordenador da Produção, Emprego e Competitividade.

O atual governo deve promover "mudanças na estrutura produtiva para diversificar a economia, aumentar a produtividade, garantir a soberania nacional na produção e o consumo doméstico e sair da dependência primário-exportadora". (SENPLADES, 2013, p. 292). Portanto, considera-se que a mudança da matriz produtiva é fundamental para o Equador desenvolver a sua economia, deixando para trás seu caráter primário-exportador.

O PNBV 2013 – 2017 estabelece que,

A transformação da matriz produtiva envolve a interação com a fronteira científica e tecnológica, na qual se produzem mudanças estruturais que direcionam as formas tradicionais do processo e da estrutura produtiva atual, para novas formas de produção que promovem a diversificação de novos setores, com maior intensidade em conhecimento, sob considerações de assimetrias tecnológicas entre países [...] e com um rápido crescimento da demanda interna e externa que gere trabalho [...]. (SENPLADES, 2013, p. 293)

Desta forma, a mudança da matriz produtiva prevê uma estrutura da economia baseada no conhecimento (capital humano) e no desenvolvimento da ciência e da tecnologia. "Hoje, se reconhece quase por unanimidade a importância do capital humano para o desenvolvimento econômico, e de esta maneira tem sido interpretada a experiência das economias mais produtivas do leste e do sudeste da Ásia." (SEN, 1998, p. 88). Isso permitirá uma produção com valor agregado diversificada que dinamize a demanda doméstica e crie fontes de emprego.

2.4 EIXOS DA POLÍTICA DA MUDANÇA DA MATRIZ PRODUTIVA

A mudança da matriz produtiva gira entorno de quatro eixos, que são:

- "Diversificação produtiva [...]"
- Aumento do valor agregado aos produtos existente [...],
- Substituição seletiva de importações [...]
- Fomento às exportações de novos produtos [...]. (SENPLADES, 2012, p. 12 e 13)

O primeiro eixo (a diversificação da produção) prevê o desenvolvimento de indústrias estratégicas. Foram identificadas cinco indústrias estratégicas e priorizados quatorze setores produtivos.

As indústrias estratégicas estabelecidas são:

A indústria da petroquímica: o Plano projeta a construção da Refinaria do Pacífico, a fim de desenvolver centrais petroquímicas para produzir detergentes, plásticos e fibras têxteis. O governo estima que será gerado um impacto na balança comercial de US\$ 175 milhões.

A siderurgia, para a produção de aço plano, pois as importações de aço plano são aproximadamente de US\$ 960 milhões por ano. A partir de aço plano busca-se produzir tubos, máquinas e componentes para estaleiros.

A metalurgia, composta das indústrias do cobre e o alumínio. Na indústria do cobre, o Equador apresenta como vantagem comparativa um menor custo de transporte na exportação de ácido sulfúrico (proveniente do refinamento do cobre) e concentrado do cobre para o Chile, China e Japão. O investimento na refinaria de cobre permitirá a produção de

folhas de cobre e ácido sulfúrico para exportação. Na indústria de alumínio, o Equador tem baixos custos de energia elétrica, permitindo-lhe ser competitivo nesta indústria. Hoje o Equador importa cerca de US\$ 129 milhões em produtos de alumínio. A construção de uma fábrica de fundição de alumínio deverá fornecer alumínio primário ao país e permitirá a sua exportação, gerando um impacto esperado de US\$ 684 milhões na balança comercial.

A indústria naval: o Equador pode basear seu desenvolvimento da indústria naval por causa da existência do petróleo e gás no país, de esta forma o governo planeja consolidar a indústria naval mediante a realocação da empresa pública ASTINAVE EP e a construção de um novo estaleiro. O governo pretende tornar possível a produção, a manutenção de navios e a construção de plataformas para exploração de gás, satisfazendo a demanda do mercado doméstico da Empresa Pública Flota Petrolera Ecuatoriana (FLOPEC), a maior demanda por navios para o transporte de petróleo devido à construção da Refinaria do Pacífico e a demanda gerada pela expansão do Canal do Panamá. Segundo dados oficiais estima-se que o impacto sobre a balança comercial será de US\$ 192 milhões.

A indústria da celulose: o Equador tem uma vantagem competitiva devido as suas condições climáticas favoráveis, logo a construção de fábricas de celulose utilizando como matéria prima o eucalipto e o pinheiro tornarão possível a produção de papel, papelão e papel tissue para a exportação. O Plano governamental estima que as exportações de celulose gerem um impacto de US\$ 504 milhões.

O governo planeja que o estaleiro seja a primeira indústria estratégica a entrar em operação no ano de 2017 e que as demais indústrias estratégicas entrem em operação em 2021. (MINISTÉRIO COORDENADOR DE SECTORES ESTRATÉGICOS, 2015). O governo espera que os cinco setores estratégicos, além de gerar um grande impacto sobre a balança comercial, dinamizem o mercado interno e criem fontes de trabalho, tanto no processo de implementação quanto uma vez já estabelecidos.

Os quatorze setores produtivos priorizados abrangem: confecção e calçados, alimentos frescos e elaborados, biotecnologia, energias renováveis, de petroquímica, farmacêutica, metalurgia, produtos florestais de madeira, serviços ambientais, tecnologia, veículos e peças, construção, transportes e logística e turismo.

O segundo eixo de mudança da matriz produtiva corresponde ao aumento de valor agregado nos produtos existentes através do desenvolvimento e impulso do conhecimento, tecnologia e educação.

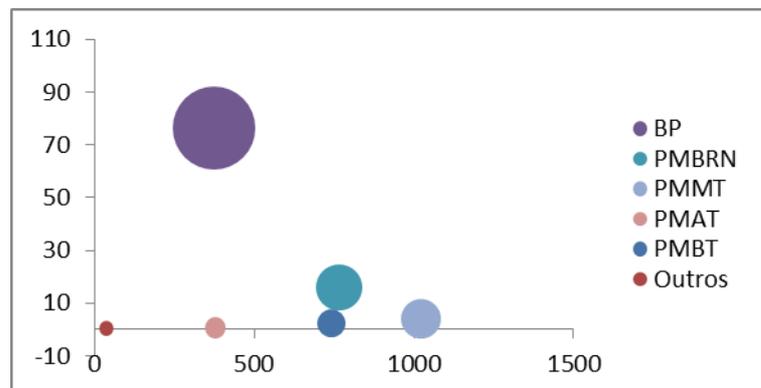
O investimento na educação e na promoção do conhecimento e tecnologia é a base do segundo eixo da transformação produtiva. No gráfico abaixo encontram-se a percentagem

e o número de produtos exportados por tipo de tecnologia. Nota-se que as exportações de manufaturados de baixa tecnologia responderam por 2,6% das exportações, sendo 742 produtos; os produtos de média tecnologia representaram 4%, com 1022 produtos, e os produtos de alta tecnologia foram apenas 0,6% do total das exportações, com 377 produtos (MINISTERIO COORDINADOR DE CONOCIMIENTO Y TALENTO HUMANO, 2013, p. 15).

Os produtos de média tecnologia têm maior representatividade no total das exportações, seguidos dos produtos de baixa tecnologia e, finalmente, os de alta tecnologia. Isto evidencia a falta de conhecimento, tecnologia e pesquisa e desenvolvimento na oferta de exportação do país, pois a percentagem de exportações de alta, media e baixa são muito pequenas. Os produtos com pouco ou nenhum valor agregado são os que caracterizam as exportações equatorianas.

Gráfico 2

Quantidade de produtos exportados por tipo de tecnologia.



Fonte: Especialização Tecnológica das Exportações Equatorianas (MCCTH, 2013, p. 14)⁸

O segundo eixo da mudança da matriz produtiva está sustentado no desenvolvimento tecnológico e investimento em educação. Pelo qual foram criadas diferentes instituições, tais como a Universidade de Pesquisa de Tecnologia Experimental Yachay, a Universidade Regional Amazônica IKIAM, a Universidade das Artes e a Universidade Nacional de Educação UNAE.

⁸ BP: Bens primários; PMBRN: Produtos manufaturados baseados em recursos naturais; PMMT: Produtos manufaturados de media tecnologia; PMAT: Produtos manufaturados de alta tecnologia; PMBT: Produtos manufaturados de baja tecnologia.

O terceiro eixo é a substituição seletiva de importações, baseada na redução das importações de produtos que a indústria nacional seria capaz de produzir. O PNBV 2009 - 2013 afirma que,

A substituição seletiva de importação desempenha um papel fundamental [...]. Por um lado, reduz a fragilidade estrutural da balança comercial. Por outro, gera espaços de demanda no mercado doméstico para as indústrias nascentes, secundárias-terciárias e geradoras de valor. Finalmente, reduz a dependência externa, incentiva à geração endógena de tecnologia e ajuda a fortalecer a soberania econômica. (SENPLADES, 2009, p. 105)

Assim, segundo o governo, a substituição seletiva de importações deverá ter forte impacto sobre a balança comercial, reduzindo as importações, estimulando a produção nacional e fomentando o desenvolvimento da indústria nacional.

A substituição seletiva de importações articula-se com o primeiro eixo, a diversificação produtiva, uma vez que o desenvolvimento de setores estratégicos deverá atender a demanda doméstica e reduzir as importações. Ao mesmo tempo, o aumento de valor agregado aos produtos, que constitui o segundo eixo, deverá permitir a redução das importações, pois "[...] o desafio no curto prazo é alcançar a transferência de tecnologia das importações e substituir aquelas de baixa intensidade tecnológica." (SENPLADES, 2013, p. 257). As importações equatorianas de produtos com tecnologia de baixa e média tecnologia representam aproximadamente o 17% e 45% das importações totais, respectivamente. (SENPLADES, 2013, p. 295)

Finalmente, o quarto eixo constitui o aumento da oferta de produtos exportáveis através da ampliação da pauta de exportação ou da exportação de produtos com maior valor agregado, buscando conjuntamente novos mercados internacionais. Os principais produtos de exportação do Equador: petróleo bruto, bananas, camarão, atum em conserva, rosas, cacau e palmito, são exportados com pouco ou nenhum valor agregado. (EQUADOR PRO, 2015) O primeiro e segundo eixo pretendem atingir uma gama mais diversificada de produtos para exportação, através do estabelecimento dos quatorze setores priorizados, das cinco indústrias estratégicas e do aumento de valor agregado na produção atual.

2.5 POLÍTICAS TRANSVERSAIS

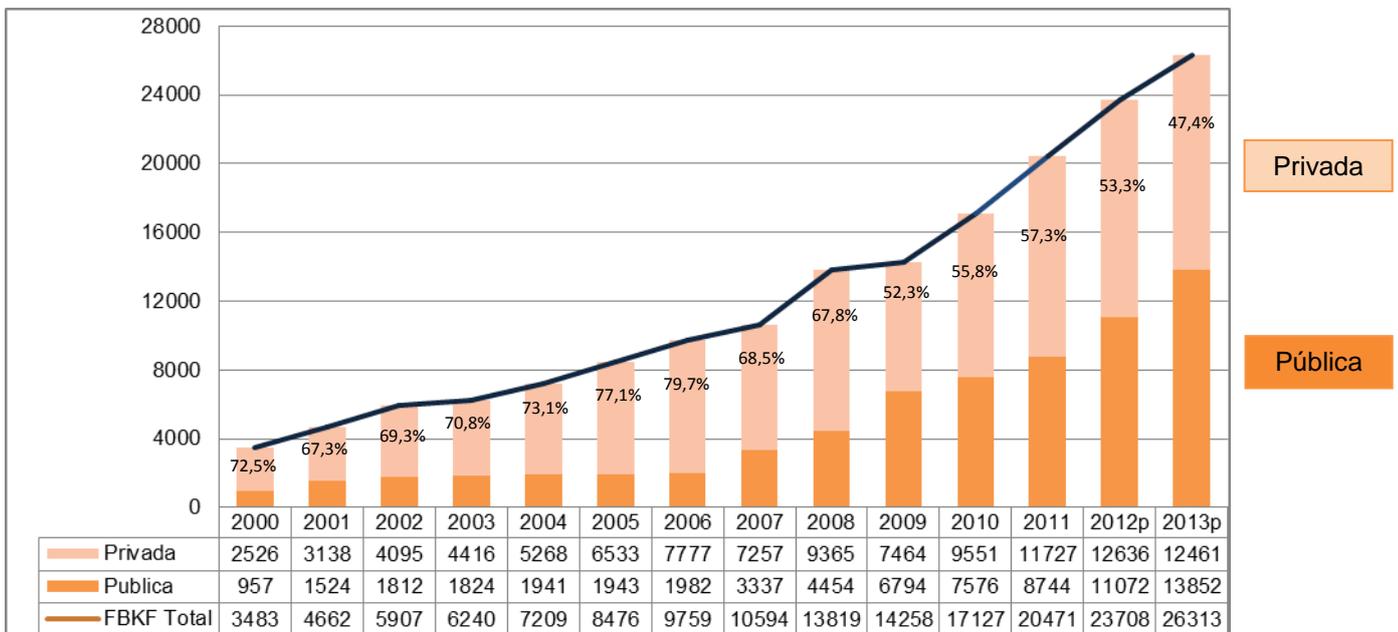
Além dos quatro eixos em que a mudança da matriz produtiva se baseia, foram estabelecidas na Agenda para a Transformação Produtiva (ATP) um conjunto de políticas transversais que deverão contribuir para atingir este objetivo. A ATP estabelece a política de

fomento ao investimento produtivo voltado principalmente a construção de infraestrutura produtiva e fomento do investimento público e privado, a fim de criar um ambiente propício à transformação produtiva.

O gráfico a seguir mostra o crescimento do investimento público e privado entre 2000 e 2013. Desde 2009, o investimento público teve um aumento significativo e em 2011 mais que dobrou em relação ao ano de 2007. "O investimento público aumentou sua participação no PIB devido à política do governo de promover a construção de estradas, hidrelétricas, escolas, hospitais, entre outros." (BANCO CENTRAL DEL ECUADOR, 2015)

Gráfico 3

Investimento (FBKF) Privado e Público
 Percentagens do total de Investimento, milhões de USD, série corrente 2000 - 2013



Nota: (p) Provisório

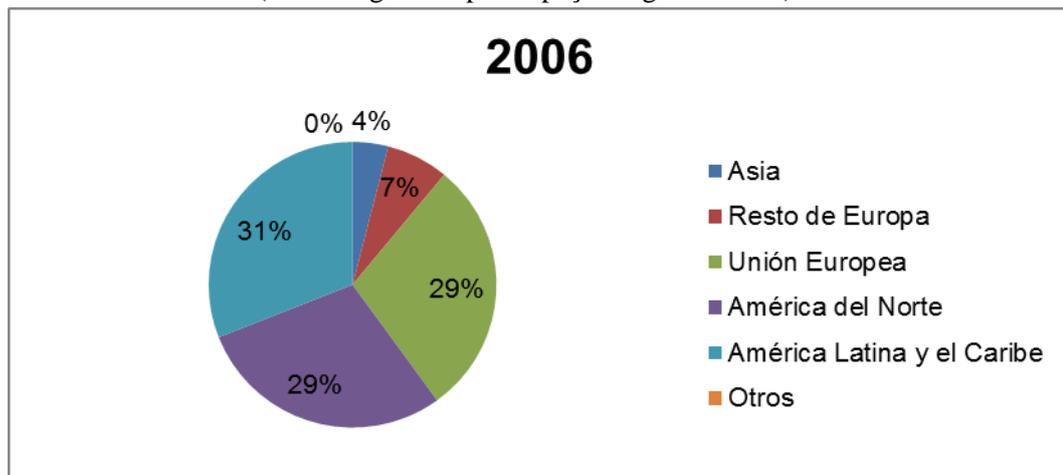
Fonte: Banco Central do Equador (BCE, 2015)

Da mesma forma, a ATP estabelece uma política comercial orientada principalmente para encontrar novos mercados internacionais. Nos gráficos abaixo se pode ver as exportações não petroleiras equatorianas por destino. A comparação entre 2006 e 2012 mostra uma redução das exportações nos mercados tradicionais, América do Norte e União Europeia, e uma expansão de outros, como Ásia e resto da Europa.

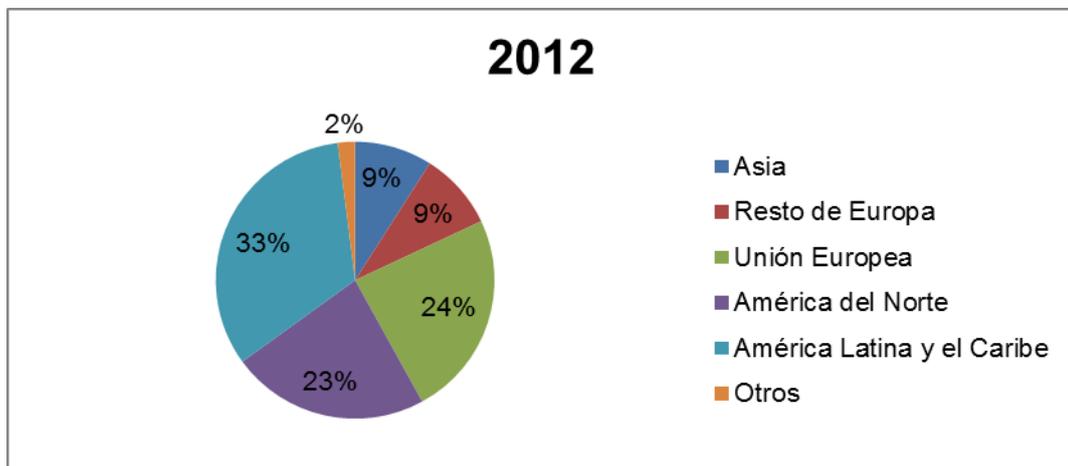
Gráfico 4

Diversificação de mercados das exportações não petroleiras do Equador por regiões geográficas

(Porcentagens de participação segundo valor)



Fonte: ESTADÍSTICAS DE COMERCIO EXTERIOR: Exportaciones, Importaciones y Balanza Comercial. (MINISTERIO DE COMERCIO EXTERIOR, 2015, p. 10)



Fonte: ESTADÍSTICAS DE COMERCIO EXTERIOR: Exportaciones, Importaciones y Balanza Comercial. (MINISTERIO DE COMERCIO EXTERIOR, 2015, p. 10)

Considerando as exportações tanto petroleiras quanto não petroleiras, as vendas para países asiáticos aumentaram consideravelmente. Em 2007 representavam 3.01% do total de exportações e em 2014, 9.60%. As exportações para África apresentaram um pequeno incremento: elas passaram de 0.15% em 2007 para 0.48% em 2014. (Ver ANEXO B)

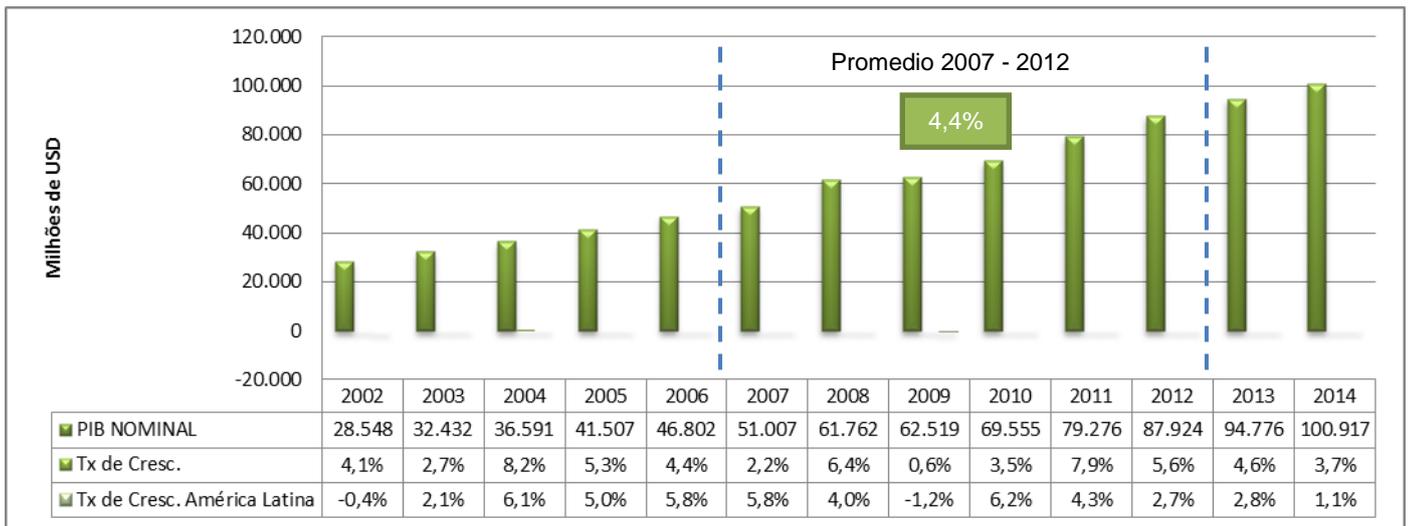
2.6 EQUADOR NA ATUALIDADE.

Após quase três anos da publicação do PNBV 2013 – 2017 e já oito anos desde que o atual governo tomou posse, é interessante analisar como se encontra a economia equatoriana na atualidade (2015).

O seguinte gráfico proporciona dados sobre o PIB do Equador no período de 2002 – 2014. No período de análise, a partir do ano de 2007, o PIB apresenta uma tendência

crecente. A taxa média de crescimento foi 4.3% entre 2007 e 2014, maior que a taxa média anual da América Latina, de 3.2% para o mesmo período. Adicionalmente, como consequência da Crise dos Subprimes, a América Latina registrou uma taxa negativa de -1.2% no ano 2009, enquanto o Equador manteve uma taxa positiva.

Gráfico 5
 PIB do Equador (2002 – 2014)
 Taxas de Crescimento do Equador e da América Latina

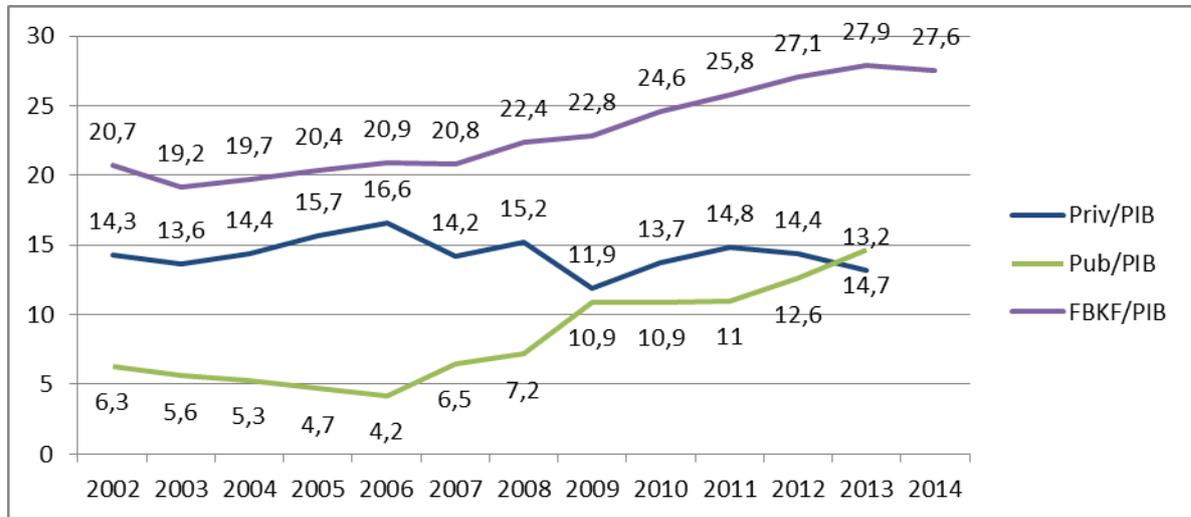


Fonte: Elaborado com base nos dados do Banco Central do Equador, (BCE, 2015) e do Anuário Estatístico de América Latina e o Caribe Agosto 2015, (CEPAL, 2014, p. 79).

Assim, ao longo do período do atual governo o Equador apresentou taxas anuais de crescimento médias superiores às da América Latina. Entre 2007 – 2012, antes da publicação do PNBV 2013 - 2017, a taxa de crescimento média do Equador foi de 4.4% enquanto a América Latina cresceu em média 3.6% a.a.. Em 2013 e 2014, anos em que o PNBV 2013 – 2017 já se encontrava em vigor, o crescimento do Equador também superou o de América Latina. Adicionalmente, segundo os dados do Banco Central do Equador (BCE), a participação das manufaturas no PIB passou de 11.91% em 2007 para 13.38% em 2014, enquanto, a participação das atividades agrícolas no PIB diminuiu de 9.35% para 8.72% neste período.

Os dados apresentados pelo BCE demonstram, ainda, que em 2007 a Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF) foi de USD 10.593,947 milhões e em 2014, USD 27.819,011 milhões. O incremento foi aproximadamente de 160%. No gráfico seguinte temos a participação da FBKF pública e privada no PIB.

Gráfico 6
Participação da Formação Bruta de Capital Fixo no PIB



Fonte: Elaborado com base a dados do Banco Central do Equador, (BCE, 2015)

A FBKF apresentou uma tendência crescente na participação do PIB principalmente a partir do ano 2007. A FBKF em 2014 incrementou sua participação no PIB em sete pontos percentuais em relação ao ano de 2007. Desde 2007, a FBKF pública aumentou rapidamente, e para o ano 2013 esta representa o 13.2% do PIB. No mesmo período, a FBKF apresenta pequenas flutuações, mas continua sendo maior que a FBKF pública.

O investimento particularmente em educação, ciência e tecnologia realizado pelo governo incrementou significativamente. A tabela a continuação permite observar que em 2007 era de US\$ 66.83 milhões e em 2011 foi de US\$ 269.46 milhões, observa-se um notável aumento. Isto se refletiu na razão gasto em Ciência & Tecnologia/PIB, pois passou de 0.15% em 2007 para 0.34% em 2011, a mesma tendência crescente observa-se no gasto em Ciência & Tecnologia per capita.

Tabela 9

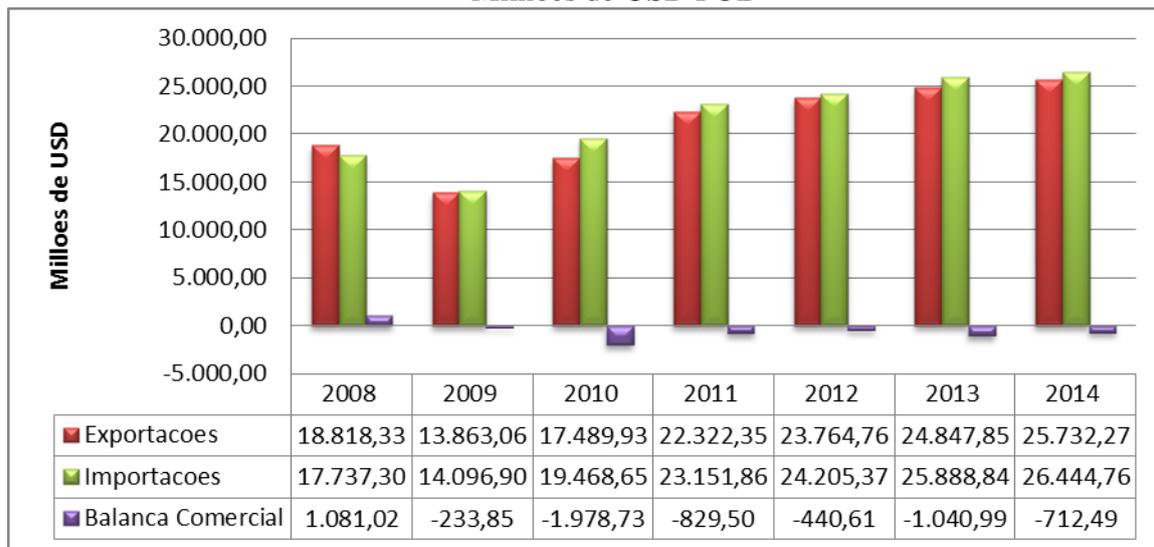
Investimento em Ciência e Tecnologia C&T 2007 – 2011

	2007	2008	2009	2010	2011
Gasto em C&T milhões de USD	66.83	140.69	246.72	280.28	269.46
Razão Gasto em C&T/PIB	0.15%	0.25%	0.39%	0.41%	0.34%
Gasto em C&T per capita	4.91	10.12	16.73	18.67	17.64

Fuente: Elaborado com base a dados apresentados pelo RICYT (RYCIT, 2015)

No setor externo, a Balança Comercial tem apresentado déficit desde o ano 2009. Embora as exportações tenham aumentado em 6193.94 milhões de USD desde o ano 2008, as importações no mesmo período têm crescido em maior quantidade, elas incrementaram em 8706.87 milhões de USD, como se apresenta no gráfico a continuação.

Gráfico 7
Balança Comercial 2008 – 2014
Milhões de USD FOB



Fonte: Elaborado com base a dado do Banco Central do Equador. (BCE, 2015)

Os dados oferecidos pelo BCE indicam que as exportações industrializadas aumentaram de US\$ 3 684 milhões em 2007 para US\$ 4 252 milhões em 2014, porém sua participação no total de exportações tem diminuído nos anos de 2013 e de 2014 para 19.10% e 16.53% respectivamente, em 2007 foram de 24.76%. Pelo contrario, as exportações de bens primários incrementaram sua participação no total de exportações. Espera-se que a entrada em vigor de algumas das indústrias estratégicas a partir de 2017 contribuirá ao equilíbrio da balança comercial, pois sua produção além de cobrir a demanda nacional, com o objetivo de substituir importações, também está orientada às exportações.

Em relação aos indicadores socioeconômicos, o Instituto Nacional de Estatística e Censos (INEC) apresenta que o Equador diminuiu sua taxa de desemprego, a qual era de 5% em dezembro de 2007 para 3.8% em dezembro de 2014. A taxa de desemprego urbano em 2014 do Equador foi de 4.5%, inferior à de América Latina (6.0%). Da mesma forma, o subemprego diminuiu de 18.24% para 12.87% no mesmo período. A pobreza apresentou uma redução significativa, passando de 36.74%, em 2007, para 22.48% em 2014. A maior redução

foi na área rural que passou de 61.3% para 35.3%. A desigualdade, medida pelo índice de Gini, caiu de 0.55 a 0.46 no mesmo período.

Houve uma melhora na renda das famílias. Em 2007 essa renda era USD 317.34 e, em 2014, foi USD 634.67. Este incremento permitiu cobrir o consumo da cesta básica, pois em 2007 só conseguia-se cobrir o 67% dela, mas em 2014 a cobertura foi quase na sua totalidade, 98%. (INEC, 2015)

O ano 2015 apresenta um panorama econômico diferente. A queda brusca do preço do petróleo impacta a economia equatoriana de forma significativa, pois esta se baseia principalmente nas exportações petrolíferas, que representam aproximadamente mais do 45% das exportações totais. O preço do petróleo caiu de USD 84.32 em 2014 para US\$ 46.05 em outubro de 2015. Além disso, o contexto internacional, caracterizado pelo fortalecimento do dólar e pelo menor crescimento da China, afetam o crescimento do país. A CEPAL estima que a taxa de crescimento do PIB para 2015 seja 0.4% e o Fundo Monetário Internacional prevê uma taxa negativa de -0.6%.

A queda brusca do preço do petróleo em 2015 incide fortemente no orçamento equatoriano. Pablo Dávalos afirma que

A difícil situação econômica do Equador é evidente. Entre janeiro e junho de 2014, a renda do governo foi US\$ 1400 milhões provenientes da venda do petróleo. Enquanto, no mesmo período de 2015, o governo só recebeu US\$ 200 milhões, isto quer dizer, uma quantidade sete vezes menor que a do ano passado. Isto diminui a possibilidade do governo de expandir seus programas de investimento social e obras públicas, o que afeta a renda da sociedade (DÁVALOS, 2015)

A quantidade inicialmente orçamentada para o ano de 2015 foi USD 36 317 milhões, mas ficou em USD 34 897 milhões. Para Dávalos a queda do preço do petróleo afeta fortemente a renda das pessoas, pois o gasto do governo reduziu-se consideravelmente. Outras medidas adotadas pelo governo foram as salvaguardas⁹ para Colômbia e Peru e a busca de financiamento externo. Este cenário impacta negativamente sobre as metas traçadas na Política da Mudança da Matriz Produtiva.

⁹ “direitos adicionais e regulamentação das importações que um país pode colocar quando enfrenta um incremento repentino das importações e/ou uma diminuição significativa dos preços de importação que causam danos ao setor interno que compete com as importações.” (FAO, 2000)

3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MODELO DE ISI E A POLÍTICA DE MUDANÇA DA MATRIZ PRODUTIVA.

No presente capítulo será realizada a análise comparativa entre o Modelo de Industrialização por Substituição de Importações (ISI) implementado nas décadas de 60 e 70 e a política da mudança da matriz produtiva que está sendo efetuada atualmente no Equador. A partir da comparação dos modelos se estabelecerá as semelhanças e diferenças, que permitirão avaliar a possível consolidação do modelo atual.

O análise das principais características da implementação do modelo de ISI na década de 60 e 70, das políticas econômicas utilizadas naquela época assim como da balança comercial permitirá realizar a comparação com a atual política da mudança da matriz produtiva, a qual se baseia em quatro eixos e nas políticas transversais estabelecidas.

Em primeiro lugar, é importante estabelecer que os dois modelos foram implementados com um mesmo objetivo, gerar crescimento e desenvolvimento econômico sustentável no Equador. Apesar das diferentes épocas, ambos procuraram enfrentar a condição primária agroexportadora que o país tem mantido desde a sua constituição. Como foi exposto nos capítulos anteriores o Equador tem se caracterizado por basear sua economia na produção e exportação de matérias-primas, principalmente produtos agrícolas e petróleo, e importar bens manufaturados, tanto no período do modelo de ISI quanto na atualidade.

Ambos os modelos baseiam-se na industrialização do país para atingir o crescimento e desenvolvimento econômico, porém o caminho apresentado pelos dois modelos é diferente.

3.1 BALANÇA COMERCIAL

Antes da implementação do modelo de ISI, observamos que na balança comercial da década de 50, as exportações agropecuárias constituíam o 82.5%, e 93.6% em 1960, sendo os principais produtos a banana, o café, o cacau e o arroz. O período 1950 – 1960, década fundamental para a implementação do ISI, caracterizou-se pelo auge da banana. As exportações de bananas passaram de 11.5% do total de exportações, em 1950, para 44.1%, em 1960. Em 1960, as importações de matérias primas representavam 46.6% do total de importações, bens de capital 31.0%, bens de consumo 18.7% e os combustíveis, 3.3% do total importado. (JUNAPLA, 1978).

Na primeira metade da década de 50, as exportações cresceram 10.6% e as importações 11.2%, sendo o crescimento das exportações menor do que o apresentado pelas

importações. Para a segunda metade da mesma década, as exportações ultrapassaram as importações. As exportações neste período cresceram a uma taxa de 3.6% e as importações, 3.0%. Apesar do crescimento das exportações ser maior que o das importações neste período, elas cresceram a um ritmo muito baixo em relação aos cinco anos anteriores. Entre “[...] 1950 – 1956, se observa um forte crescimento [das exportações] causado pela melhoria dos preços da banana e do café. Porém a partir de 1956, diminuíram até chegar a seu nível mínimo em 1960” (JUNAPLA, 1978, p. 19).

Em 2007, as exportações de produtos primários representaram 74.25%, e em 2012, 77.32% do total exportado. As exportações de petróleo representavam 58,16%, em 2007, e até 2012 ainda alcançavam mais da metade do valor exportado. Pelo contrário, em 2007, as importações de bens de consumo representaram 22.3% do total de importações, as matérias primas 32.5%, os bens de capital 25.27% e os combustíveis 19.9%. Para 2012, a tendência das importações não apresentou grandes flutuações. (BCE, 2015). Isto observa-se na tabela seguinte.

Tabela 10

Participação dos principais produtos no total de Exportações e Importações

	1950	1960	2007	2012
Exportações				
Produtos primários	82,50%	92,20%	74,25%	77,22%
Banana	11,50%	44,10%	9,53%	8,75%
Petróleo	-	-	58,16%	57,70%
Produtos industrializados	17,50%	6,40%	25,00%	22,23%
Importações				
Matérias primas	48,03%*	46,60%	32,50%	30,15%
Bens de Consumo	19,23%*	18,70%	22,30%	20,63%
Bens de Capital	31,20%*	31,00%	25,27%	26,54%
Combustíveis	1,52%*	3,30%	19,90%	22,50%

(*): Dados de 1957

Fonte: Elaborado com base a dados do Banco Central do Equador. (BCE, 2015) e da Junta Nacional de Planejamento e Coordenação Econômica. (JUNAPLA, 1978).

Isto demonstra que o Equador possuía uma oferta exportadora muito pouco diversificada na década de 50 e sua balança comercial constituía-se basicamente de matérias primas. Para o ano 2007, essa realidade não mudou muito. Apesar da percentagem de bens primários ter diminuído de 1950 a 2012, a balança comercial equatoriana ainda se baseia na exportação de matérias primas e sustenta-se principalmente num único produto: o petróleo,

assim como em 1960 era sustentada pelas exportações de banana. Os bens industrializados representaram cerca do 25% do total de exportações nos períodos em análise.

Além disso, corrobora-se a forte dependência do setor externo para o Equador, tanto na década de 50 como na atualidade, e ao ser exportador de commodities, o Equador apresenta um alto grau de sensibilidade às flutuações do mercado internacional.

3.2 IMPLEMENTAÇÃO DOS MODELOS

Para Alberto Acosta¹⁰,

O impacto da banana na economia nacional foi muito mais profundo em termos nacionais que o gerado pelo cacau décadas antes: ampliou a fronteira agrícola para novas zonas do litoral, expandiu notoriamente a rede de rodovias e produziu um maior processo de migração da serra para o litoral, com um desenvolvimento acelerado das cidades e uma robustez do mercado interno, com base na expansão das relações salariais, o aumento da obra pública e a própria diversificação da economia [...] (ACOSTA, 2001, p. 100)

O auge da banana teve um grande impacto na economia equatoriana, permitiu dinamizar os mercados domésticos, o crescimento urbano e um aumento do investimento público. Isto foi respaldado pela “modificação substancial na condução da política econômica: o Estado fomentou a produção exportável e integrou o mercado doméstico através da construção de obras de infraestrutura [...]” (CARVAJAL, 2011, p. 122). Assim, o papel do Estado foi fundamental no crescimento do país na década de 50. O crescimento foi gerado principalmente pelas altas exportações da banana. Em média o país cresceu a uma taxa de 5.4% no período 1950 -1960. Para Rafael Correa (2009, p.34), “a produção e exportação bananeira geraram um excedente econômico que permitiu ao país iniciar um incipiente processo ISI”. Deste modo, e dentro de um período de auge da economia, o Equador decidiu implementar o Modelo de ISI utilizando como instrumento principal a Lei de Fomento Industrial de 1957 e o Plano Geral de Desenvolvimento Econômico e Social de 1964.

O Plano Geral de Desenvolvimento Econômico e Social de 1964, desenvolvido pela JUNAPLA, respaldou o início do Modelo de ISI, direcionando a política para

[...] substituir uma grande porcentagem das importações de bens de consumo e de alguns bens intermediários mediante a instalação de indústrias que permitam, por um lado, economizar as divisas estrangeiras para utilizá-las na

¹⁰ Professor da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO), Ex-presidente da Assembleia Nacional Constituinte do Equador Ex-ministro de energia e minas.

compra do equipamento de capital necessário para levar adiante os diferentes programas incluídos no Plano Geral, bem como a utilização da mão de obra disponível, que atualmente se encontra desocupada ou subocupada em atividades de baixa produtividade. (JUNAPLA, 1964, p. 21)

De esta maneira, pretendia-se diminuir as importações de bens de consumo e intermediários a fim de utilizar os recursos economizados e a mão de obra disponível para a aquisição de bens de capital necessários para a industrialização.

Por outro lado, a atual política da mudança da matriz produtiva, desenvolve-se num contexto em que a balança comercial equatoriana, tal como na década de 50, depende em sua maioria de um único produto de exportação, o petróleo. Em 2007, o preço do barril de petróleo WTI¹¹ foi de US\$ 72.20 e apresenta uma tendência crescente, em 2012 o preço foi US\$ 94.12, só no ano 2009 o preço caiu para US\$ 61.92.

Walter Spurrier¹² afirma que “[...] o preço do petróleo tem se mantido alto, acima de US\$ 80 o barril. Isto permitiu ao governo ter uma maior renda destinada a investimento público [...]” (SPURRIER, 2013). Para Acosta o auge da banana dinamizou o mercado doméstico e, segundo Correa, os excedentes gerados por este permitiram dar início ao Modelo de ISI no Equador na década de 60; assim como para Spurrier os altos preços do petróleo têm permitido o investimento público no país. Assim, o ambiente econômico propício, gerado pelos altos preços das commodities (banana na década de 50 e petróleo no período 2007 – 2012), foram essenciais para respaldar a implementação de ambos modelos respectivamente.

A política da mudança da matriz produtiva se sustenta principalmente em três planos de desenvolvimento: o Plano de Desenvolvimento 2007 – 2010, o Plano Nacional do Bom Viver 2009 – 2013 (PNBV 2009 -2013) e o Plano Nacional do Bom Viver 2013 – 2017 (PNBV 2013 – 2017), além de um conjunto de políticas transversais. O PNBV 2013 -2017 estabelece que,

A mudança da matriz produtiva deve sustentar-se no impulso dos setores estratégicos, na redefinição da pauta da oferta de bens e serviços, orientada à diversificação produtiva baseada na incorporação do valor agregado, no impulso às exportações e sua expansão em produtos e destinos, na substituição de importações [...] (SENPLADES, 2013, p. 73)

O modelo atual não está centrado apenas na substituição de importações, como o Modelo de ISI. Além da substituição de importações ele também se baseia em vários eixos: o

¹¹ O Equador usa o preço do barril de petróleo WTI como referencial para o estabelecimento de seus preços.

¹² Analista Económico e diretor de Análise Semanal.

fomento das exportações, a diversificação produtiva que incorpore valor agregado e a promoção dos setores estratégicos.

3.3 CARACTERÍSTICAS DOS MODELOS

3.3.1 Substituição seletiva de importações

Para Hirschman (1968, p.494), “[...] a ISI começa de maneira predominante com a manufatura de bens de consumo que anteriormente se importavam, e depois segue com maior ou menor rapidez e com êxito, às "etapas superiores" da fabricação [...]”. Na tabela abaixo encontramos a participação dos principais produtos no total de exportações e importações.

Tabela 11

Participação dos principais produtos no total de Exportações e Importações (1960 -1980)

	1960	1970	1980
Importações			
Bens de Consumo	18,8%	13,2%	11,1%
Combustíveis	3,3%	6,3%	1,0%
Matérias Primas	46,7%	50,1%	41,9%
Bens de Capital	31,1%	30,0%	45,2%
Exportações			
Petroleiras			
Petróleo Bruto		0,4%	55,6%
Derivados		0,1%	7,7%
Não Petroleiras			
Tradicionalis	87,8%	83,9%	26,2%
Não Tradicionalis	12,2%	15,6%	10,5%

Fonte: Elaborado em base nos dados do Banco Central do Equador. (BCE, 2015)

Os dados proporcionados pelo BCE mostram que as importações de bens de consumo de fato diminuíram de 1960 a 1970. Elas representavam 18.8% em 1960 e passaram a ser 13.2% do total de importações em 1970.

As importações de bens de capital tiveram uma participação de 31.1% em 1960, e de 30.0% em 1970. Apesar das importações de bens de capital para a indústria terem crescido de US\$ 13.931 milhões, em 1960, para US\$ 41.904 milhões, em 1970, a mesma percentagem de bens de capital continuava sendo importada no final deste período de dez anos, no qual a implementação do ISI exigia um incremento de bens de capital para a industrialização.

Para o mesmo período, a participação das importações de matérias primas passou de 46.7% para 50.1%. Principalmente, as matérias primas para a indústria passaram de US\$ 41.533 milhões para US\$ 116.084 milhões, com uma taxa de crescimento média de 8.7% para o período de 1966 – 1970.

Os dados apresentados pela JUNAPLA mostram que a taxa de crescimento das exportações no período de 1961 a 1965 foi 4.8% e a das importações, 4.1%. Para o período 1966 -1970 o cenário mudou, a taxa de crescimento das exportações foi 4.6%, mas as importações cresceram 14%, causando um desequilíbrio na balança comercial.

O desequilíbrio na balança comercial e as altas taxas de crescimento das importações de bens de capital e matérias primas para a indústria na segunda metade do século foram causados em grande parte pelo início da exploração de petróleo no Equador.

Na década de 70, especificamente a partir de 1972, iniciaram as exportações de petróleo, mudando o cenário econômico e social no país. Alberto Acosta afirma que

Nos anos setenta, como poucas vezes em sua história, o Equador entrou de cheio no mercado mundial. Não porque se houvesse se produzido uma mudança qualitativa em sua condição de país exportador de matérias primas - banana, cacau, café, etc.-, mas sim pelo crescente montante das entradas produzidas pelas exportações petroleiras. A exploração de petróleo constituiu o revitalizador da economia. (ACOSTA, 2001, p. 120)

Assim, na década de 70, o Equador continuou mantendo uma base produtiva primária agroexportadora. A chegada das exportações petroleiras foi uma das poucas vezes em que o Equador se encontrou em total inserção no mercado mundial. Na década de 70, a taxa de crescimento média das exportações totais, para este período de dez anos, foi de 34.0% e a das exportações petroleiras foi de 357.5%. No mesmo período, as importações totais registraram uma taxa média de crescimento de 27.4%. (BCE, 2015) Assim como ocorreu um forte crescimento das exportações devido às exportações do petróleo, as importações cresceram, principalmente pelos bens de capital necessários para a exploração de petróleo.

De tal modo, Acosta afirma que,

[...] graças às crescentes entradas provenientes das exportações de hidrocarbonetos, se aumentou também substancialmente a capacidade de importar do país. [...] simplesmente se alterou a dependência do país para abastecer de divisas de um produto primário a outro, mantendo-se a situação subordinada de país com respeito aos mercados das economias centrais. (ACOSTA, 1982, p. 46)

Desta maneira, para Acosta, o aumento das exportações se deu pela mudança do produto primário a ser exportado e não por uma alteração da base produtiva. Para 1980, as

exportações equatorianas estavam constituídas por petróleo bruto, que representava mais da metade do total exportado, e por exportações tradicionais, que eram aproximadamente 27.0%. As exportações tradicionais eram compostas basicamente por matérias primas. De tal modo que a estrutura produtiva do Equador não mudou desde 1950, pois cerca de 82% do total de exportações eram bens primários.

A JUNAPLA afirmou que “as importações equatorianas estão direcionadas basicamente para a introdução de matérias primas e bens de capital necessários para sua industrialização, sem uma medida seletiva das mesmas e com margens substitutivas incipientes” (JUNAPLA, 1978, p. 97). De fato, as importações de bens de capital foram as que apresentaram o maior crescimento no total de importações, pois em 1970 representavam o 30.0% do valor total importado e, para 1980, sua participação foi de 45.2%. Pelo contrário, a participação das importações de matérias primas para indústria diminuiu de 42.3% do total de importações para 34.0% (Tabela No 11). Apesar de que os bens necessários para a industrialização eram importados, estas importações não foram estabelecidas de uma maneira adequada, pois não existia uma apropriada seleção delas.

A política atual da mudança da matriz produtiva propõe a transformação produtiva mediante quatro eixos, sendo um deles a substituição seletiva ou estratégica de importações através da diminuição das importações de produtos que a indústria nacional seria capaz de produzir. Esta é uma diferença importante entre os dois modelos, pois a política atual sustenta-se numa seleção pré-estabelecida e considerada adequada dos produtos importados a ser substituídos, razão pela qual a substituição seletiva de importações articula-se com outro eixo da mudança da matriz produtiva, a diversificação produtiva. Para isto foram identificadas cinco indústrias estratégicas e priorizados quatorze setores produtivos (expostos no capítulo anterior), a fim de que atendam a demanda doméstica desses produtos e reduzam as importações dos mesmos. No ano 2007 as importações cresceram a uma taxa de 14.7% e, em 2014, estas diminuíram a 2.1%. Entretanto, apesar da taxa de crescimento das importações ter diminuído as importações ainda continuam maiores que as exportações, gerando um déficit na balança comercial. Em média, a taxa de crescimento das importações, neste período de 2007 a 2014 foi de 12.51%. (BCE, 2015)

Carol Chehav, membro do equipo do Observatório de Comercio de Exterior (OCE) do Equador afirma que “a substituição de importações envolve duas medidas básicas: medidas de proteção e de melhoria da produção” (CHEHAV, 2010). A proteção da indústria nacional pretende permitir o desenvolvimento da produção desses setores. Já Ha Joon Chang afirma que “É necessário debater exatamente como misturar [...] o fomento das exportações e a

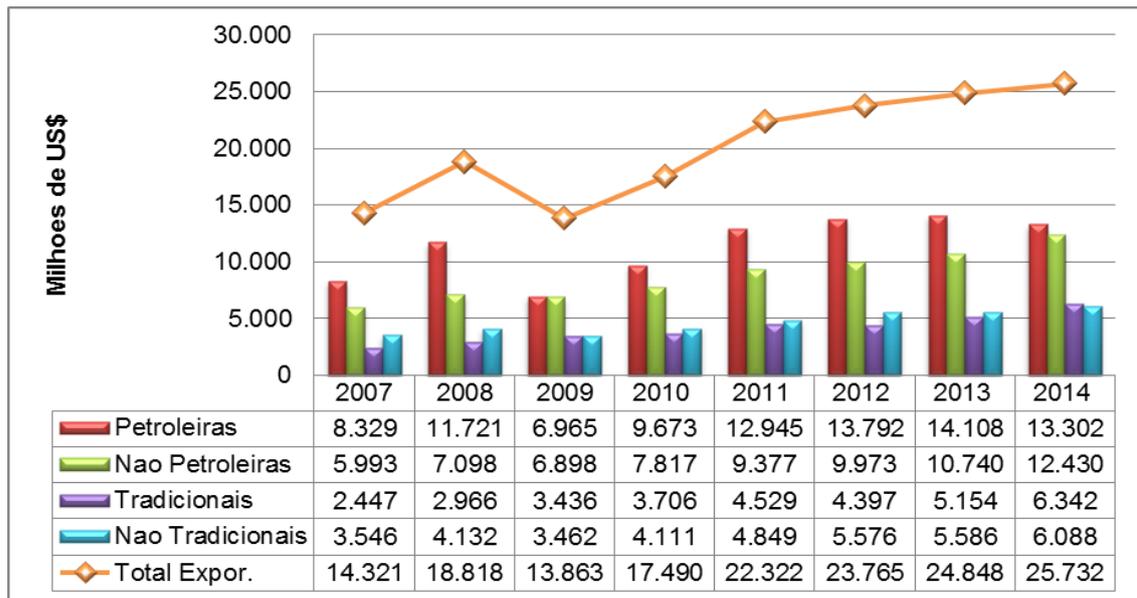
proteção à indústria nascente – entre os setores e a traves do tempo – de forma que ajude ao país a melhorar sua estrutura industrial e cresça rapidamente.” (CHANG, 2009, p. 29 e 30) Assim, o Equador determinou às indústrias estratégicas e setores priorizados como indústrias nascentes, as quais pretende proteger para estas crescerem e permitiram a redução das importações. Além disso, o atual modelo também estabeleceu como eixo desta política o aumento da oferta exportável através da produção de novos produtos ou de produtos com maior valor agregado. Por tanto, o modelo atual não só significa a industrialização mediante a substituição seletiva de importações, mas também pretende atingir o objetivo através do incremento das exportações. As indústrias estratégicas, além de atenderem a demanda interna, estão orientadas à exportação. Para Ha Joon Chang é necessário encontrar o ponto de equilíbrio entre a promoção das exportações e a proteção da indústria nascente para que o crescimento seja sustentável ao longo prazo.

O gráfico embaixo mostra a evolução das exportações no Equador desde 2007 a 2014. As exportações equatorianas foram divididas em dois grupos: exportações petroleiras e exportações não petroleiras. As exportações petroleiras incluem as exportações de petróleo e seus derivados e as exportações não petroleiras subdividem-se em dois grupos: exportações tradicionais e não tradicionais. As exportações tradicionais são constituídas em sua maioria por matérias-primas¹³

Gráfico 8

Evolução das Exportações 2007 – 2014

¹³ Exportações tradicionais: Banana, cacau e elaborados, camarão, atum e peixe e café e elaborados.



Fonte: Elaborado com base a dados do Banco Central do Equador. (BCE, 2015)

Observa-se no gráfico que as exportações totais apresentaram uma tendência crescente no período 2007 – 2014, apenas em 2009 apresentam uma queda como consequência da Crise dos Subprimes em 2008. O total de exportações passou de US\$ 14 321 milhões em 2007 para US\$ 25 732 em 2014 milhões. Em média a taxa de crescimento das exportações neste período foi de 10.49%. As exportações não petroleiras cresceram mais que as exportações petroleiras; a taxa média de crescimento das não petroleiras foi 11.2% e a das petroleiras foi 10.8%. Dentro das exportações não petroleiras as que apresentaram maior crescimento foram as tradicionais que passaram de US\$ 2 447 milhões, em 2007, para US\$ 6 342 milhões em 2014. Embora as exportações tenham apresentado um crescimento significativo, as importações apresentaram um maior crescimento, levando a um déficit de balança comercial.

3.3.2 Industrialização

O nível de industrialização é outro ponto pertinente de análise. A tabela seguinte apresenta as taxas de crescimento do PIB e do PIB Industrial nos períodos em análise. Observa-se que o PIB Industrial, no período 1961- 65, mostra um grande crescimento (10.1%) decorrente do início do Modelo de ISI, mas para o seguinte quinquênio (1966 – 70) a taxa diminui (6.9%); de igual forma apresenta um alto crescimento na década de 70, porém este decorria do início da exploração do petróleo. As taxas de crescimento do PIB e do PIB Industrial do período do modelo ISI superam, em média, às taxas do período atual. Entre 2007

e 2014 o crescimento do PIB Industrial apresentou flutuações. No ano 2011 ocorreram as maiores taxas de crescimento do PIB e do PIB Industrial. O crescimento do PIB Industrial é dado, principalmente, pelo incremento na categoria de abastecimento de eletricidade e água proveniente dos investimentos nas centrais hidroelétricas e da entrada em operação de mais uma central a partir de 2007. (ILDIS - FES; FLACSO, 2009).

Tabela 12

Taxas de Crescimento do PIB e PIB Industrial
(1950-1985 e 2007 -2014)

Quinquênios	PIB Total	PIB Industrial	PIB Industrial	PIB Total	Años
1950 - 55	6,3	5,5	-0,7%	2,2%	2007
1956 - 60	4,4	6,1	6,5%	6,4%	2008
1961 - 65	4,9	10,1	-0,4%	0,6%	2009
1966 - 70	4,8	6,9	4,1%	3,5%	2010
1971 - 75	10,2	9,8	8,9%	7,9%	2011
1976 - 80	6,9	9,3	6,4%	5,6%	2012
1981 - 85	2	1	7,2%	4,6%	2013
1950 - 85	5,6	6,9	4,5%	3,7%	2014
			4,6%	4,3%	2007 - 14

Fonte: Elaborado com base em dados do Banco Central do Equador. (BCE, 2015) e do artigo *Es necesario volver a dar énfasis a la industrialización en el Ecuador*. (Banco Central do Equador apud BENALCÁZAR, 1990, p. 41).

O coeficiente de industrialização na época do Modelo de ISI apresentou uma tendência crescente, passando de 16.7%, em 1960, para 21%, em 1980. De igual forma, desde 2007 aumentou a relação PIB Industrial/PIB, passando de 32.6% para 34.2% em 2014. Entretanto, esse crescimento foi bastante reduzido.

Tabela 13

Coeficiente de Industrialização: PIB Industrial/PIB
(1960 – 1980 e 2007 – 2014)

Año	PIB Ind./PIB	Año
1960	16,70%	2007
1970	17,80%	2011
1980	21%	2014

Fonte: Elaborado com base em dados extraídos do Anuário Estatístico da América Latina 1983. (CEPAL, 1984, p. 142) e do Banco Central do Equador (BCE, 2015).

A tabela seguinte apresenta a estrutura da população economicamente ativa (PEA) por setores. Observa-se que do total da PEA, em 1950, 64.4% se dedicava à agricultura,

silvicultura, caça e pesca e 10.1% à produção manufatureira. Já para 1960, existe uma diminuição da população dedicada ao setor agropecuário, representando 57.8% e um aumento na população dedicada à indústria manufatureira, 15.6%. Apesar de existir uma pequena diminuição da porcentagem de população dedicada às atividades agrícolas não foram geradas mudanças notórias no padrão de produção no período 1950 - 1970. Entre 2008 e 2015, não existiu uma significativa mudança na participação da PEA no setor agrícola. O aumento da PEA no setor manufatureiro foi muito pequeno. Na área de serviços se concentrou a maioria da PEA.

Tabela 14

Participação da População Economicamente Ativa por Atividade Econômica
(1960 – 1980 e 2007 – 2014)

Atividade	1950	1960	1970	Marzo - 2008	Marzo 2011	Marzo - 2015
Agricultura, silvicultura, caça e pesca.	64,4%	57,8%	51,0%	8,0%	6,7%	8,6%
Exploração de Minas e morros	0,4%	0,3%	0,4%	0,5%	0,4%	0,6%
Indústrias Manufatureiras	10,1%	13,9%	15,6%	12,7%	13,4%	13,0%
Construção	3,6%	3,4%	4,3%	6,8%	7,1%	8,3%
Eletricidade, gás, água e serviços sanitários.	0,1%	0,3%	0,5%	0,7%	0,7%	0,6%
Comércio	6,6%	6,8%	8,7%	23,3%	23,6%	23,1%
Transporte, armazenagem e comunicações.	2,6%	3,0%	3,2%	5,9%	6,7%	7,6%
Serviços	12,1%	14,6%	16,3%	50,1%	48,1%	46,8%

Fonte: Elaborado com base a dados extraídos do Anuário Estatístico da América Latina 1983. (CEPAL, 1984, p. 77-79) e do Reporte de Economía Laboral Marzo 2015 (INEC, 2015, p. 15)

Os dados expostos indicam que ocorreu um crescimento industrial nos anos em que o Equador seguiu o Modelo de ISI, mas este não foi suficiente para transformar o Equador num país industrializado. Também no modelo atual, os dados exibem que desde 2007 até a atualidade, não ocorreu uma mudança significativa da indústria. Apesar do crescimento do PIB Industrial, sua participação no PIB total não mudou significativamente nem a porcentagem da população dedicada às indústrias manufatureiras.

3.3.3 Investimento em educação, conhecimento e tecnologia.

Krugman, Obstfeld e Melitz afirmam que “Os países pobres carecem de mão de obra qualificada, de empresários, de executivos competentes, e têm problemas de organização social que dificultam manter uma oferta fiável de todos os bens” (KRUGMAN, OBSTFELD e

MELITZ, 2012, p. 269). Essa realidade não era diferente no Equador na época do desenvolvimento do modelo ISI e constitui um ponto importante em nossa análise.

No Equador existia uma “[...] alta proporção de pessoas ocupadas em atividades primárias; uso de procedimentos primitivos; baixa produtividade [...]” (CEPAL, 1954, p. 61). A JUNAPLA indica que aproximadamente 30% da população era analfabeta na década de 60. De igual forma, na década de 70 apenas 2.1% da população tinha educação superior. (JUNAPLA, 1979).

A JUNAPLA afirmou que,

[...] a maior proporção do gasto em educação por níveis corresponde a salários. A desproporção entre esta quantia e a destinada a investimento é muito marcada [...]. Aquela desproporção, sem dúvida, está afetando o desenvolvimento do sistema educativo, contribuindo para a deterioração da qualidade do ensino em todos seus níveis. (JUNAPLA, 1979, p. 152).

Isto evidencia o baixo nível de educação no país na época em que esteve em vigor o Modelo de ISI. O nível de ciência e tecnologia não era diferente da condição da educação no Equador. Apenas em 1973, a JUNAPLA criou a Divisão de Ciência e Tecnologia e só em 1979 foi estabelecida Lei do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia conjuntamente com o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Somente na década de 70 institucionalizou-se a ciência e tecnologia no país. Após 1980, os intentos por promover a ciência e tecnologia no Equador não foram de fato efetivados, pois existia dificuldade para que se realizassem investimentos nesta área e as quantidades destinadas eram irrisórias. (PONCE, 2011). Assim, no período 1950 - 1970 se observa uma grande proporção da população dedicada a atividades primárias, o que se reflete nas altas exportações de bens primários; uma escassa existência de mão de obra qualificada decorrente da falta de investimento em educação e o pouco interesse em fomentar o desenvolvimento da ciência e tecnologia.

O modelo atual propõe o aumento de valor agregado nos produtos existentes através do desenvolvimento e impulso do conhecimento, tecnologia e educação. Esta é uma diferença marcante entre os dois modelos, pois na mudança da matriz produtiva existe uma política dirigida a fomentar o conhecimento, tecnologia e educação, que é respaldada por uma base legal.

O PNBV 2013 – 2017 estabelece,

A transformação da matriz produtiva supõe uma interação com a fronteira científico-técnica, em que se produzem alterações estruturais que direcionam as formas tradicionais do processo e a estrutura produtiva atual, para novas formas de

produzir que promovem a diversificação produtiva em novos setores, com maior intensidade em conhecimentos [...] (SENPLADES, 2013, p. 293).

A mudança da matriz produtiva representa uma transformação baseada no incremento do capital humano e o desenvolvimento tecnológico. “Hoje em dia, se reconhece de forma quase unânime a importância do capital humano no desenvolvimento econômico e assim foi interpretada a experiência das economias mais produtivas do leste e sudeste asiático” (SEN, 1998, p. 88). Através do fomento à educação, conhecimento e tecnológica, o modelo atual, busca uma nova estrutura produtiva.

Nelson R. e Phelps E. afirmam que,

[...] a taxa de retorno da educação é maior quanto maior é o progresso tecnológico na economia. Isto sugere que progresso tecnológico tem implicações para a estrutura ótima de capital em um amplo sentido. Em particular, pode ser que a sociedade deva construir mais capital humano em relação ao capital tangível para a tecnologia ser mais dinâmica.

Assim, a existência de progresso tecnológico numa economia permite obter um melhor rendimento do capital humano. Deste modo, quanto maior for o capital humano em relação ao capital físico maior será a dinamização da tecnologia.

O Foro Econômico Mundial apresentou o índice de desenvolvimento tecnológico 2006 - 2007, no qual o Equador ocupou a posição 97 entre 122 países com uma pontuação de 3.05 sobre 7. O país só se posicionou acima da Bolívia e do Paraguai na América Latina. Para 2014, no mesmo índice o Equador ocupou o lugar 82 (3.85) entre 148, superando a Argentina, o Peru, o Paraguai, a Venezuela e a Bolívia na América Latina.

De igual forma, o investimento particularmente em ciência e tecnologia realizado pelo governo incrementou significativamente a partir do ano 2007. Entre o período 2007 e 2011 houve um aumento de mais de 300% no gasto em ciência e tecnologia. A participação da Ciência & Tecnologia no PIB, passou de 0.15%, em 2007, para 0.34%, em 2011, a mesma tendência crescente observa-se no gasto em Ciência & Tecnologia per capita que passou de \$ 4.91 para \$17.64. (RYCIT, 2015). Entretanto, apesar do gasto em ciência e tecnologia ter aumentado desde o 2007, este gasto em termos per capita ainda é muito pequeno.

CONCLUSÃO

O trabalho de pesquisa permitiu realizar uma análise comparativa entre o Modelo de ISI da década de 60 e 70 e a atual política da mudança da matriz produtiva no Equador.

A análise evidenciou uma situação similar na balança comercial no início da implantação de ambos os modelos, pois possuía uma oferta exportadora sustentada principalmente por um único produto: a banana na década de 50 e o petróleo em 2007. Os bens industrializados tem representado cerca do 25% do total de exportações nos dois períodos em análise. Acadêmicos sugerem que o auge tanto dos preços da banana na década de 50, quanto dos preços do petróleo entre 2007 e 2012 impulsaram a implantação das políticas sugeridas por ambos os modelos.

Uma diferença importante entre os dois modelos e que constituiu uma falha para a consolidação do Modelo de ISI foi a inadequada seleção das importações. Apesar de que os bens necessários para a industrialização foram importados, não houve uma apropriada seleção delas que permitiria desenvolver a indústria nacional. Aliás, o fato das importações de bens de capital terem aumentado decorreu do início da exploração do petróleo. Mas não por causa de uma real industrialização. O crescimento industrial entre 1960 e 1980 não foi suficiente para atingir a industrialização do país após a década de 80.

Pelo contrário, a política atual sustenta-se numa seleção adequada dos produtos importados a ser substituídos, considerando ser necessário aproveitar a tecnologia do estrangeiro para a diversificação produtiva e o aumento da oferta exportável.

Da mesma forma que durante os anos da ISI, desde 2007 até a atualidade não ocorreu uma mudança significativa da indústria, apesar de existir crescimento do PIB Industrial. Esse é um ponto importante que precisa mudar, pois os eixos no quais se baseia a mudança da matriz produtiva demandam uma indústria sólida.

Além disso, o fomento ativo à educação, ciência e tecnologia do modelo atual é uma forte diferença com o Modelo de ISI. Na década de 60 e 70 a industrialização foi prejudicada pela forte escassez de mão de obra qualificada, decorrente da falta de investimento em educação e do pouco interesse em fomentar o desenvolvimento da ciência e tecnologia. No modelo atual, o gasto em ciência e tecnologia apresentou um forte incremento, assim como a participação da Ciência & Tecnologia no PIB. O investimento em educação, ainda precisa atingir maiores níveis, mas se a tendência crescente continuar esta será uma importante diferença que poderá possibilitar a consolidação da mudança da matriz produtiva no Equador.

Finalmente, ambos os modelos procuram enfrentar a condição primária agroexportadora característica do Equador desde sua constituição, mediante a industrialização do país. No entanto, o caminho a seguir perseguido pelo modelo atual é diferente, pois não se baseia somente na substituição de importações, mas sim numa substituição estratégica de importações, na diversificação produtiva, aumento da oferta exportável e no fomento a educação, ciência e tecnologia.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. Rasgos dominantes del crecimiento ecuatoriano en las últimas décadas. In: RIFFKA, S. **Ecuador: el mito del desarrollo**. Quito: El Conejo, 1982.

ACOSTA, A. **Breve historia Económica del Ecuador**. 2º. ed. Quito: Corporación Editora Nacional, 2001.

ACOSTA, A. Respuestas regionales para problemas globales. In: LEÓN, I. **Sumak Kawsay / Buen Vivir y cambios civilizatorios**. Quito: FEDAEPS, 2010.

ACOSTA, A. Gran Reacomodo capitalista de la economía. Enredos de la involución ciudadana. In: CUVI, J. **La restauración conservadora del correísmo**. Quito: Arcoiris Producción Gráfica, 2014.

ASAMBLEA NACIONAL. **Constitución de l República el Ecuador**. Montecristi: Asamblea Nacional, 2008.

AYALA MORA, E. **Nueva Historia del Ecuador Época Republicana V el Ecuador en el último período**. Quito: Corporación Editora Nacional, v. 11, 1983.

AYALA MORA, E. Ecuador since 1930. In: BETHELL, L. **Latin America since 1930: Spanish South America**. [S.l.]: UNIVERSITY OF CAMBRIDGE, 1991.

BANCO MUNDIAL. Banco Mundial, 2015. Disponível em: <http://datos.bancomundial.org/pais/ecuador#cp_wdi>. Acesso em: 02 set. 2015.

BCE. Banco Central del Ecuador, 2015. Disponível em: <http://www.bce.fin.ec/index.php/boletines-de-prensa-archivo/item/728_inversi%C3%B3n-formaci%C3%B3n-bruta-de-capital-fijo-privada-y-p%C3%ABblica>. Acesso em: 09 set. 2015.

BCE. Información Estadística Mensual No.1962. **Banco Central del Ecuador**, Quito, 2015. Disponivel em: <<http://www.bce.fin.ec/index.php/component/k2/item/756>>. Acceso em: 20 Septiembre 2015.

BCE. Banco Central del Ecuador, 2015. Disponivel em: <<http://www.bce.fin.ec/index.php/component/k2/item/756>>. Acceso em: 25 set. 2015.

BCE. Banco Central del Ecuador , 2015. Disponivel em: <<http://www.bce.fin.ec/index.php/component/k2/item/756>>. Acceso em: 25 out. 2015.

BENALCÁZAR, R. repositorio BCE , 1990. Disponivel em: <<http://repositorio.bce.ec/bitstream/32000/155/1/16-02Rene%20Benalcazar.pdf>>. Acceso em: 31 Mayo 2015.

CABRERA, A. A. Historia Económica Mundial 1950-1990. **Economía Informa**, México, n. 385, p. 70 -83, Marzo - abril 2014.

CARVAJAL, F. Ecuador: la evolución de su economía 1950-2008. In: MENDOZA, O. Z. **Estado del País Informe cero. Ecuador 1950-2010**. Quito: Activa, 2011.

CEPAL. **Statistical Yearbook for Latin America and the Caribbean**. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2014.

CEPAL. **El Desarrollo Económico del Ecuador**. Mexico: Naciones Unidas, 1954.

CEPAL. **Comisión Económica parAmérica Latina, Anuario Estadístico de América Latina 1983**. Santiago de Chile: Publicaciones de Naciones Unidas , 1984.

CHANG, H. J. **Industrial Policy: Can We Go Beyond an Unproductive Confrontation?** Seoul: Banco Mundial, 2009.

CHEHAV, Carol. **Sustitución de importaciones: ¿solución para la industria local?** Disponivel em: http://www.lahora.com.ec/index.php/noticias/show/1101027576/1/Sustituci%C3%B3n_de_im

portaciones%3A_%C2%BFsoluci%C3%B3n_para_la_industria_local%3F.html#.ViQkxvl_Oko. Acceso em: 18 out. 2015.

CORREA, R. **Ecuador:** de Banana Republic a la No República. 1°. ed. Colombia: Debolsillo, 2009.

DÁVALOS, Pablo. **Cambio de la matriz productiva: discurso que encubre el extractivismo.** Disponible em: <http://lalineadefuego.info/2013/06/04/entrevista-pablo-davalos-cambio-de-la-matriz-productiva-discurso-que-encubre-elextractivismo-por-nancy-rosero/> Acceso em: 30 agos. 2015.

DÁVALOS, P. Las ocho claves para entender el ajuste económico que se viene. Revista Plan V, Quito, 07 sept. 2015. Disponible em: <http://www.planv.com.ec/historias/politica/ocho-claves-entender-el-ajuste-economico-que-se-viene> Acceso em: 28 sept. 2015.

FALCONÍ, F. El Telegrafo, 2014. Disponible em: <http://www.telegrafo.com.ec/opinion/columnistas/item/cambio-productivo.html>. Acceso em: 10 set. 2015.

FAO. Medidas de Salvaguardia. In: **FAO LAS NEGOCIACIONES COMERCIALES MULTILATERALES SOBRE LA AGRICULTURA MANUAL DE REFERENCIA.** Roma: Departamento de Cooperación Técnica FAO , 2000.

FERNÁNDEZ, I. Estado y desarrollo capitalista en el Ecuador. **Nueva Sociedad** , Quito, Noviembre - Diciembre 1979.

GLAS, J. Vamos a cambiar la estructura económica. **Líderes**, Quito, Junio 2014.

GOMÁ, O. M. **Estrategias de desarrollo en Economías Emergentes.** [S.l.]: Corporación de Investigaciones Económicas para América Latina.

HIRSCHMAN, A. O. La Economía Política de la Industrialización a través de la Sustitución de Importaciones en América Latina. **El Trimestre Económico**, n. 140, p. 489 - 524, 1968.

ILDIS - FES; FLACSO. **Análisis de Coyuntura Económica Una lectura de los Principales Componentes de la Economía.** Quito: Graficas Araujo, 2009. (FALCONÍ, 2014)

INEC. Instituto Nacional de Estadística y Censos, 2015. Disponible em: <<http://www.ecuadorencifras.gob.ec/vdatos/>>. Acceso em: 30 set. 2015.

INEC. **Instituto Nacional de Estadísticas y Censo, Reporte de Economía Laboral Marzo 2015.** INEC. QUITO, p. 32. 2015.

JUNAPLA. **Junta Nacional de Planificación y Coordinación Económica, Una Política Planificada de Desarrollo.** Quito: [s.n.], 1964.

JUNAPLA. **Junta Nacional de Planificación y Coordinación Económica, Evaluación de la Economía del Ecuador en 1970 Estrategias para el futuro.** Quito: JUNAPLA, 1970.

JUNAPLA. **Junta Nacional de Planificación y Coordinación Económica, Evolución Histórica del Comercio Exterior Ecuatoriano (1950-1975).** Quito: Oficina de Publicaciones, Junta Nacional de Planificación, 1978.

JUNAPLA. **Junta Nacional de Planificación y Coordinación Económica, 25 Años de Planificación.** Quito: JUNAPLA, 1979.

JUNAPLA. **Junta Nacional de Planificación y Coordinación Económica, Desarrollo y Educación en el Ecuador (1960 - 1978).** Quito: Sección Publicaciones, 1979.

KRUGMAN, P.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. **Economía Internacional Teoría y Política.** 9°. ed. Madrid: PEARSON, 2012.

LEFEBER, L. El fracaso del desarrollo: Introducción a la Economía Política del Ecuador. In: LEFEBER, L. **La Economía Política del Ecuador Campo, Region, Nación.** Quito: CORPORACION EI»TORA NACIONAL, 1985.

MARTÍN-MAYORAL, F. Estado y Mercado en la Historia del Ecuador Desde los años 50 hasta el gobierno de Rafael Correa. **Nueva Sociedad** , Quito, n. 221, p. 120 - 136, Mayo - Junio 2009.

MINISTERIO COORDINADOR DEL CONOCIMIENTO Y TALENTO HUMANO. **Especialización Tecnológica de las Exportaciones Ecuatorianas**. Quito: [s.n.], 2013.

MINISTERIO COORDINADOR DE PRODUCCIÓN, EMPLEO Y COMPETITIVIDAD. **Agenda para la Transformación Productiva**. Quito: Ministerio Coordinador de Producción, Empleo y Competitividad, 2010.

MINISTERIO COORDINADOR DE SECTORES ESTRATEGICOS. **Industrias Estratégicas**. Quito: Ministerio, 2015. Disponible em: <<http://www.sectoresestrategicos.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2014/11/INDUSTRIAS-ESTRATE%CC%81GICAS-ESPAN%CC%83OL.pdf>>. Acceso em: 05 set. 2015.

MINISTERIO DE COMERCIO EXTERIOR. Ministerio de Comercio Exterior, 2015. ISSN ESTADÍSTICAS DE COMERCIO EXTERIOR: Exportaciones, Importaciones y Balanza Comercial. Disponible em: <http://www.comercioexterior.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2013/09/Estadisticas_Comercio_exterior_JUI2013.pdf>. Acceso em: 10 set. 2015.

MONCADA-SÁNCHEZ, J. La evolución de la planificación en el Ecuador. **Nueva Sociedad**, Quito, n. 13, p. 27 - 45, Julio - Agosto 1974

MORENO-BRID, J. C.; RUIZ-NÁPOLES, P. La formación de capital humano, el crecimiento y la teoría económica. **Serie Estudios y perspectivas**, Mexico, n. 106, enero 2009.

MURPHY, K.; SHLEIFER, A.; VISHNY, R. Industrialization and the Big Push. **Journal of Political Economy**, Chicago, 1989.

NELSON, R. R.; PHELPS, E. S. Investment in Humans, Technological Diffusion, and Economic Growth. **The American Economic Review**, Pittsburgh, p. 69-75, Marzo 1966. Disponivel em: <http://www.jstor.org/stable/1821269?seq=1#page_scan_tab_contents>.

PONCE, M. Ciencia y tecnología en Ecuador: una mirada general. In: PAÍS, E. D. **Informe cero. Ecuador 1950-2010**. Quito: Estado del País , 2011.

PRO ECUADOR. Instituto de Promoción de Exportaciones e Inversiones, 2015. Disponivel em: <<http://www.proecuador.gob.ec/pubs/principales-productos-de-la-oferta-exportable-de-ecuador/>>. Acceso em: 17 set. 2015.

RAMIREZ, R. **La vida (buena) como riqueza de los pueblos. Hacia una socioecología política del tiempo**. Quito: Iaen, 2012.

RYCIT. Red de Indicadores de Ciencia y Tecnología Iberoamerica e Interamericana, 2015. Disponivel em: <<http://db.ricyt.org/query/EC/1990,2012/calculados>>. Acceso em: 30 09.

SEN, A. Las Teorias de Desarrollo a principios del siglo XXI. In: EMMERIJ, L.; NÚÑEZ, J. **El desarrollo económico y social en los umbrales del siglo XXI**. Washington D.C.: Banco Interamericano de Desarrollo, 1998.

SENPLADES. **Secretaria Nacional de Planificación y Desarrollo, Plan Nacional para el Buen Vivir 2009-2013: Construyendo un Estado Plurinacional e Intercultural**. Quito: SENPLADES, 2009.

SENPLADES. **Secretaria Nacional de Planificación y Desarrollo, Transformación de la Matriz Productiva Revolución productiva a través del conocimiento y el talento humano**. Quito: SENPLADES, 2012.

SENPLADES. **Secretaria Nacional de Planificación y Desarrollo, Plan Nacional para el Buen Vivir 2013 - 2017**. Quito: SENPLADES, 2013.

SENPLADES. **Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo. Plan Nacional para el Buen Vivir 2013-2017.** Quito: SENPLADES, 2013.

SPURRIER, W. 4 décadas viviendo del petróleo. **El Universo** , Quito, 01 Septiembre 2013.

ANEXOS

ANEXO A

Importações por Uso ou Destino Econômico (1970-1980)

Miles de dólares CIF

ANO	TOTAL IMPORTAÇÕES	Bens de consumo		Combustíveis e lubrificantes	Matérias Primas			Bens de Capital			Diversos
		Não duráveis	Duráveis		Agrícolas	Industriais	Materiais de construção	Agrícolas	Industriais	Equipamentos de transporte	
1970	273.849	22.289	13.909	17.193	5.552	116.084	15.434	7.557	41.904	32.586	1.341
1971	340.104	24.629	13.605	27.688	3.695	118.163	36.734	6.670	63.120	44.559	1.241
1972	318.599	30.057	16.171	10.602	4.557	105.595	24.890	4.370	76.316	45.001	1.040
1973	397.282	37.589	26.475	11.183	5.746	149.349	18.734	5.695	83.992	58.169	350
1974	958.488	74.864	41.212	16.284	61.041	308.410	65.844	16.686	239.588	132.296	2.263
1975	943.244	63.512	39.064	13.575	24.011	292.977	58.272	25.465	286.397	136.433	3.538
1976	993.123	58.994	40.184	7.419	22.949	355.374	67.482	25.502	253.918	158.874	2.427
1977	1.508.357	85.236	82.581	9.375	34.559	475.932	92.305	28.019	400.510	295.906	3.934
1978	1.630.202	85.805	92.745	11.099	33.297	486.987	89.413	26.353	491.900	308.680	3.923
1979	1.985.599	86.981	93.500	13.541	44.437	704.129	82.753	31.298	567.212	356.833	4.915
1980	2.249.519	123.422	126.749	23.281	58.072	765.016	119.890	38.237	570.230	408.238	16.384

FONTE: Elaborado com base a dados extraídos do Banco Central, 85 Anos, Cap. 2.

ANEXO B

Exportações por destino.

Porcentagens de Participação nas Exportações Totais

País/ Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Total de Exportações	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
América	80,43%	81,28%	76,76%	75,94%	79,70%	78,42%	74,46%	74,07%
EEUU	43,08%	44,83%	33,37%	34,75%	44,91%	44,68%	44,70%	43,85%
Mercado Comum Centro-americano	3,71%	4,13%	3,70%	2,59%	2,52%	1,79%	1,57%	0,68%
Associação Latino-americana de Integração	26,06%	26,83%	23,97%	24,37%	24,54%	30,26%	27,32%	28,47%
Comunidade Andina	15,77%	13,59%	11,75%	12,25%	12,40%	12,91%	11,33%	9,91%
Resto da América	7,59%	5,49%	15,73%	14,24%	7,73%	1,62%	0,87%	1,07%
EUROPA	16,18%	15,06%	20,47%	17,33%	15,91%	14,27%	16,38%	15,43%
União Europeia	12,66%	11,65%	15,02%	12,95%	11,79%	10,29%	12,20%	11,59%
Associação Europeia de Livre Comercio	0,23%	0,22%	0,37%	0,39%	0,38%	0,42%	0,44%	0,31%
Resto da Europa	3,30%	3,20%	5,08%	3,98%	3,75%	3,56%	3,74%	3,53%
ASIA	3,01%	3,42%	2,46%	6,26%	3,95%	6,64%	8,31%	9,60%
AFRICA	0,15%	0,10%	0,12%	0,29%	0,29%	0,46%	0,41%	0,48%
OCEANIA	0,14%	0,10%	0,16%	0,17%	0,14%	0,13%	0,13%	0,16%
OUTROS PAÍSES NEP	0,09%	0,04%	0,03%	0,02%	0,01%	0,07%	0,31%	0,26%

Fonte: Elaborado com base a dados do Banco Central do Equador. 85 Años, Cap. 2. (BCE, 2015)